



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

As crianças e a(s) identidade(s) de género: estudo com turma
do primeiro ciclo do ensino básico

Soraia Daniela Fernandes Montes



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Soraia Daniela Fernandes Montes

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

As crianças e a(s) identidade(s) de género: estudo com turma
do primeiro ciclo do ensino básico

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutor Gonçalo Marques

novembro de 2019

Agradecimentos

“Se queres ir rápido, vai sozinho. Se queres ir longe, vai acompanhado”

Provérbio Africano.

O caminho feito teria sido completamente diferente daquele que foi se não tivesse a meu lado pessoas extraordinárias que me acompanharam no processo e me auxiliaram. Por isso, queria agradecer às pessoas que nunca desistiram de mim, mesmo quando o percurso não era fácil e o caminho mais fácil seria desistir: os meus pais e irmã. Porque só nós sabemos o quão difícil foi muitas vezes chegarmos aqui, por todos os conselhos, por todos os obstáculos que tivemos de ultrapassar, por tudo aquilo que suportaram para que conseguisse. Por todas as vitórias vividas em conjunto.

Depois, e não menos importante, agradecer à minha melhor amiga pelo apoio incondicional, pelas horas que me ouviu, pela ajuda que muitas vezes me deu nos trabalhos, pelo companheirismo e aos meus melhores amigos porque, juntos, nunca me deixaram desamparada. Agradecer também à minha amiga Vera Oliveira por tudo aquilo que fez por mim. Às amigas que Viana do Castelo me trouxe, que foram sempre uma companhia diária quando a casa estava longe.

Mas importante é, também, agradecer às instituições que me receberam nos seus contextos e me abriram portas como se me conhecessem desde sempre. Falando do Pré-escolar tenho de agradecer à Educadora Ró, à Educadora Florbela e à Educadora Diana, por me integrarem também no seu grupo de trabalho proporcionando momentos de aprendizagem informais. Agradecer às técnicas e assistentes operacionais por sempre me apoiarem e ajudarem sempre que precisei, mas em especial agradecer à Assistente Operacional Vera, que foi muitas vezes o meu braço direito, que me ajudou a fazer - acontecer, que teve sempre um sorriso e uma palavra de apoio para me dar. E, principalmente, agradecer à Educadora Dulce, por me ensinar a ensinar com amor, por me mostrar a sua paixão e compartilhá-la comigo sem reservas, aprendi tanto consigo. Comecei e aprendi a gostar do pré-escolar, graças a si. Obrigada por nunca me ter dito que “não” mesmo que parecesse difícil fazer acontecer. Obrigada.

Obrigada ao contexto do primeiro ciclo, onde mais uma vez fui tão bem recebida. Onde passei dos dias mais complicados, por motivos de saúde e familiares, mas quando entrava na escola a alegria pairou sempre no ar. Quero agradecer à dona Lúcia, pela alegria constante, pela disponibilidade, pelo carinho, nem imagina quantas vezes foi a senhora que me alegrou logo a manhã com a sua boa disposição, à Dona Virgínia, pela

maravilhosa comida, pelas conversas, pela atenção, pelo carinho que sempre demonstrou, à Dona Rosa, à Dona Conceição, às professoras Carina, Luísa, Sofia e à professora e coordenadora Ana, por fazerem com que nunca me sentisse a mais, por me envolverem em todas as atividades relacionadas com a escola e não só, por me ouvirem, por me permitirem errar e crescer, sempre com o vosso amparo. E, aqui um agradecimento especial à pessoa que quero levar desta experiência para a vida: a Professora Ana Rodrigues que me acalmou sempre o nervosismo, que me deu confiança na prática, que confiou em mim em todos os momentos, que me tratou como igual, que se tornou mais do que uma professora-cooperante, se tornou uma companheira. Nunca me falhou, mostrou sempre que era mais capaz do que aquilo que imaginava.

Obrigada por todos os momentos, por tudo aquilo que me ensinou, por nunca me ter deixado a mão mesmo quando as coisas correram menos bem. Obrigada.

Agora, e não menos importante, resta agradecer à instituição IPVC pela oferta formativa, por me ajudarem a crescer como profissional, mas, acima de tudo, como pessoa. Agradecer ao corpo docente por me terem ensinado tudo aquilo que aprendi. Porém, não posso deixar de destacar algumas pessoas muitíssimo importantes como as professoras Fátima Pereira e Joana Oliveira, pela disponibilidade, pela compreensão, pela ajuda que sempre me deram, tentando sempre resolver os nossos problemas. À professora Marta e à Professora Linda Saraiva, porque sem saberem construíram a minha autoestima, em prática, com duas conversas importantíssimas, que nunca irei esquecer em toda a minha vida, sobre como lidar com crianças e a autoestima que temos de ter em nós próprios. Agradecer, também, à professora Manuela Cachadinha por nos ter desafiado a entrevistar entidades importantes da cidade, sendo que isso me ajudou bastante a conduzir as entrevistas presentes no estudo e à bibliotecária Sónia pela preciosa ajuda na bibliografia deste estudo.

Tentando não me esquecer de ninguém, deixo o meu agradecimento coletivo a todas as pessoas que se cruzaram comigo nesta aventura. Todos foram importantes.

E, para finalizar, agradecer ao professor que mais me viu crescer, que me ajudou a construir esta dissertação e que sem a sua preciosa ajuda não se teria concretizado. Pela dedicação, pelo empenho, pela força, por nunca ter deixado de acreditar em mim, o meu muito obrigado Professor Gonçalo Marques. Sem si, nada disto teria sido possível.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

Este é um estudo realizado numa turma mista do primeiro ciclo, com primeiro e quarto ano de escolaridade, que procurou saber quais eram as perceções e atitudes das crianças em relação ao género e à sua igualdade na sociedade.

É um estudo qualitativo que procura saber como está a nossa sociedade a cultivar as conceções quanto à igualdade de género e como estão a ser transmitidos esses valores que são, atualmente, tão discutidos em praça pública.

Optámos, por isso, por entrevistar os alunos da turma e desenvolvemos atividades que proporcionassem uma melhor compreensão sobre a temática.

Ao longo do estudo, falámos de duas diferentes frentes na transmissão dos valores na vida das nossas crianças, primeiramente, procurámos saber como era o passado e, quem era responsável por essa transmissão, falando da família e dos papéis dos pais e/ou familiares próximos na vida da criança. Posteriormente, procurámos saber também qual o papel da escola. Procurámos e apresentámos também qual o papel das instituições governamentais e qual o trabalho desenvolvido para a promoção de uma igualdade de género na sociedade.

Ficou comprovado que a Escola e a Família são importantíssimas na transmissão de valores. Embora que, a crise de valores na família transfira cada vez mais esse papel para a escola, sendo que isto é também apoiado pelo Governo.

Exigindo assim um papel por parte do professor que é preciso entender e que, até então não era tão fulcral.

Palavras-Chave: Igualdade de Género; Escola; Família; Valores.

Abstract

This is a qualitative research implemented in a classroom with a 1st and 4th primary grade seeking to understand children's perceptions and attitudes on gender questions and to social equality in society.

We aim to understand how deeply we are cultivating gender equality and the way families are spreading – or not – this values that are, nowadays, being discussed in the public square.

We chose to interview the students and to develop pedagogical activities to provide a better understanding of the thesis main theme.

Along the way, we have presented two different ways of spreading these values among children. First, we tried to know who was responsible for the transmission on family context and about gender functions at home and how school can participate in new ways of learning. It is also important to seek government commitment on these public policies.

It stays proved that Family and School are fundamental on values transmission. Although some family crisis can put on school's shoulders some more responsibility.

Teachers need to be conscient of their role and to contribute in some little but significant change considering their essential role.

Keywords: Gender Equality, Family, School, Values

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	III
Abstract	IV
Índice de quadros	VIII
Índice de figuras.....	VIII
Lista de abreviaturas.....	IX
Introdução	10
Capítulo I - Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância	12
Caraterização do grupo de trabalho	13
Percurso da Intervenção Educativa	15
Caracterização do Contexto Educativo do 1º CEB.....	21
Caracterização do grupo	22
Percurso da intervenção educativa	23
Capítulo II- Estudo de Investigação.....	27
Enquadramento teórico	30
Educação da família e a sua contribuição para a igualdade de géneros.....	43
Educação e transmissão de valores na escola	45
Pertinência e atualidade do tema.....	49
Metodologia	51
Procedimentos Metodológicos e Faseamento	51
Estudo de Investigação	52
Questões de investigação.....	52
Apresentação e Descrição das atividades investigativas.....	53
Calendarização do estudo	58
Apresentação e discussão dos resultados.....	59
Entrevista 1	61
Entrevista 2	63
Entrevista 3	64

Entrevista 4	68
Entrevista 5	70
Entrevista 6	72
Entrevista 7	74
Entrevista 8	77
Entrevista 9	79
Entrevista 10	80
Entrevista 11	82
Entrevista 12	84
Entrevista 13	85
Entrevista 14	87
Entrevista 15	89
Entrevista 16	92
Entrevista 17	94
Entrevista 18	96
Entrevista 19	98
Entrevista 20	100
Conclusões globais das entrevistas.....	102
Quadro 8. Síntese de Análise das entrevistas.....	103
Quadro 8 (continuação) Síntese de Análise das entrevistas	104
Quadro 8. (continuação) Síntese de Análise das entrevistas	105
Conclusões.....	106
Capítulo III - Reflexão Global da PES	110
Bibliografia.....	113
Anexos	115
Anexo 1: Planificação da atividade dos brinquedos e Atividade de categorização dos brinquedos por género.....	115
Anexo 2: Atividade das Histórias tradicionais e situações de desigualdade de género.	117

Anexo 3: Atividade da leitura e interpretação do livro “Um casal qualquer” e atividade da prenda que dariam aos pais.....	118
Anexo 4. Guião da entrevista semiestruturada do 4º Ano.....	119
Anexo 5. Entrevista semiestruturada para o 1º Ano	120
Anexo 6. Autorização de imagem que foi assinada pelos pais.....	121

Índice de quadros

- Quadro 1: Horário do Jardim de Infância
- Quadro 2: Horário da escola do primeiro ciclo do ensino básico
- Quadro 3: Datas importantes para a promoção da igualdade de género em Portugal
- Quadro 4: Leis impulsionadoras para uma sociedade igualitária em Portugal
- Quadro 5: Categorização dos brinquedos por género pelos alunos
- Quadro 6: Identificação e quantificação dos presentes que as crianças dariam aos pais.
- Quadro 7: Calendarização do estudo
- Quadro 8: Síntese de Análise das entrevistas.

Índice de figuras

- Figura 1: Ida à piscina resultante do projeto de empreendedorismo
- Figura 2: Protótipo do projeto de empreendedorismo desenvolvido
- Figura 3: Ida dos GNR à escola
- Figura 4: Dado da Paz, elaborado pelos alunos
- Figura 5: Ministra para a igualdade: Maria de Belém Roseira
- Figura 6: Secretária de Estado para a Igualdade: Maria do Céu Cunha Rego
- Figura 7: Secretária de Estado da Igualdade: Elza Pais
- Figura 8: Ministra da Cultura, Igualdade e Cidadania: Teresa Morais
- Figura 9: Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade: Rosa Monteiro
- Figura 10: Fotografia da porta que impulsionou o estudo.
- Figura 11: Identificação e categorização das crianças sobre os brinquedos
- Figura 12: Identificação e categorização dos brinquedos que os alunos dariam aos pais.

Lista de abreviaturas

- JI - Jardim de Infância
- EB - Ensino Básico
- ATL - Associação tempos livres
- ACEP - Associação cultural e de educação popular
- PES – Prática de ensino supervisionado
- NEE - Necessidades educativas especiais
- CEB – Ciclo do ensino básico
- GNR – Guarda Nacional Republicana
- EU – União Europeia
- CIG – Comissão para a cidadania e a igualdade de género
- PAIMH – Plano de ação de igualdade de Homens e Mulheres
- IMH – Igualdade de Mulheres e Homens
- PE – Professora Estagiária

Introdução

Nos nossos dias existe uma controvérsia sobre quem é responsável pela transmissão de valores às crianças, tendo em consideração que vivemos numa sociedade com dependência de tempo e carências económicas, onde as nossas crianças passam mais tempo na escola que em casa, é imprescindível perceber onde e como estão a ser transmitidos os valores aos adultos futuros. Nomeadamente, os valores da convivência, da cidadania e de uma cooperação cada vez mais frutuosa entre todos, rumo a uma maior igualdade – ou redução das barreiras – entre géneros, resultante de uma longa tradição histórica, como veremos.

Procurámos assim investigar que concepções têm as crianças de hoje sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, se são eles impulsionadores para uma sociedade evolutiva onde a mulher e o homem têm os mesmos direitos ou, se pelo contrário, continuamos em pleno século XX, contribuir para uma sociedade em que a mulher continua a ser vista como secundária e proibida de praticar certas atividades. Assim, fomos investigar numa turma mista com primeiro e quarto ano de escolaridade as concepções que eles tinham quanto à posição e papel de cada um dos géneros, nomeadamente, se categorizavam brinquedos e papéis na sociedade como para menina ou para menino e porque o faziam. Procurámos ainda saber mais sobre atitudes, as suas opiniões, entrevistando-os um a um, permitindo-nos saber qual o papel da família e qual o papel da escola na transmissão destes valores importantíssimos para uma sociedade futura mais igualitária. Implementamos também outras atividades pedagógicas e didáticas.

Desta forma, este estudo organiza-se nos seguintes capítulos:

Capítulo I

- ❖ Caracterização dos contextos Jardim de Infância e 1ºCEB;
- ❖ Caracterização dos grupos Jardim de Infância e 1ºCEB;
- ❖ Percurso da intervenção educativa Jardim de Infância e 1ºCEB.

✚ Capítulo II

- ❖ Fundamentação teórica:
 - Educação da família e a sua contribuição para a igualdade de géneros.
 - Educação dos valores na escola.
- ❖ Pertinência e atualidade.
- ❖ Metodologia:
 - Procedimentos metodológicos e faseamento
 - Estudo de investigação:
 - Questões de investigação.
- ❖ Apresentação e descrição das atividades investigativas
- ❖ Apresentação e discussão dos resultados:
 - Análise das entrevistas
 - Conclusões das entrevistas
- ❖ Conclusões

✚ Capítulo III

- ❖ Reflexão global da PES
- ❖ Referências
- ❖ Anexos

Capítulo I - Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância

O jardim de infância onde foi desenvolvida a unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo pertence ao concelho de Viana do Castelo e está inserido num Agrupamento de que fazem parte dois jardins de infância (JI) e três escolas básicas (EB).

Este jardim de infância cumpre o horário das 8h até às 18h30, sendo que das 8h às 9h15 as crianças encontram-se no ATL, às 9h15 vão para as salas correspondentes para atividades letivas onde permanecem até às 10h30, hora de lanche e recreio, das 11h até às 12h15 voltam a atividades letivas e às 12h15 até às 13h30 estão em hora de almoço, das 13h30 até às 15h15 estão em atividades letivas e posteriormente vão para o ATL até às 18h30/19h.

Quadro 1- Horário do funcionamento do Jardim de Infância

<i>Horário</i>	<i>Atividades</i>
<i>8h - 9h15</i>	ATL (acolhimento)
<i>9h15 - 10h30</i>	Atividades letivas
<i>10h30 - 11h</i>	Recreio
<i>11h - 12h15</i>	Atividades letivas
<i>12h15 - 13h30</i>	Almoço
<i>13h30 - 15h15</i>	Atividades letivas
<i>15h15 - 18h30</i>	ATL (prolongamento)

O jardim de infância onde estava inserida acolhe aproximadamente noventa e cinco crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, divididos por quatro salas (designadas por 1, 2, 3 e 4).

Quanto aos recursos humanos conta com quatro educadoras de infância, duas professoras que fazem coadjuvação com as turmas em atividades semanais a professora Fábíola e a professora Ana, de música e atividades na biblioteca como “a hora do conto”, respetivamente, duas assistentes técnicas, cinco assistentes operacionais, duas cozinheiras e uma tarefeira.

O espaço exterior do jardim de infância apesar de não ser muito amplo é bem utilizado pelas crianças quando as condições climatéricas o permitem, tendo dois espaços exteriores na escola um que é também entrada para a mesma e outra no meio do edifício com estruturas lúdicas para usufruto das crianças, contém ainda um pequeno parque infantil que se encontra maioritariamente fechado sendo que não é utilizado muitas vezes.

A nível de espaços interiores, este Jardim de Infância conta com quatro salas, um *hall* de entrada que dá acesso a uma das salas e ao gabinete das educadoras com uma casa-de-banho e uma pequena biblioteca, utilizada para a “hora do conto”, protagonizada pela professora bibliotecária, tem também uma sala/biblioteca e sala de estar com imensos livros, conta com três casas de banho distribuídas pelas três salas, sendo que duas salas partilham a mesma casa de banho; duas salas de arrumos onde é guardado o material de música e de motricidade; um polivalente que funciona como ATL (para o acolhimento e o prolongamento), como sala de música que é protagonizada pela professora de educação musical que se desloca ao Jardim; conta também com uma cozinha onde trabalham duas cozinheiras e uma tarefeira; conta ainda com uma cantina espaçosa onde acolhem as quatro turmas para almoçar.

Caraterização do grupo de trabalho

O grupo de trabalho é constituída por vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos de idade.

São crianças onde se denota uma frequência de dois anos do jardim-de-infância, transparecendo assim uma maior noção de saber - estar e saber - ser, são crianças autónomas já com grandes traços vincados de personalidade, embora ainda procurem muito o vínculo da educadora para saber se fizeram bem ou mal determinada tarefa, precisando assim do reforço positivo por parte da mesma.

Manifestam um grande sentido de pertença e identidade de grupo, assim como aceitam muito bem a diferença não lhes fazendo, a mesma, confusão nenhuma. Este grupo, apesar de ser fácil de trabalhar, apresenta três ou quatro meninos onde é preciso uma posição de maior liderança e assertividade pois ainda se desviam muito para a

brincadeira e situações alheias ao trabalho que se está a desenvolver em grande ou em pequeno grupo.

Consegue-se trabalhar todas as áreas do conhecimento de forma muito concisa, sendo que “exigem” à educadora ir mais além do que é suposto saberem, segundo as orientações curriculares, visto que existe um grupo de crianças que já domina muito bem certos temas e por isso temos de ambicionar-lhes por mais ou acabam por perder o interesse.

Adoram tarefas de chefia e liderança, executando-as com grande responsabilidade. Assim como, preferem atividades mais práticas onde percebem no momento o resultado do que as mais abstratas onde só conseguem ver o que fizeram num momento posterior, são muito lógicos nos passos que tem de seguir para conseguirem o que querem.

O projeto de empreendedorismo é um dos maiores exemplos disso, visto que desde o primeiro momento que falámos sobre os passos que teriam de ser dados para a realização do seu desejo foram imediatamente memorizados e sabiam sempre aquilo que era necessário fazer/pedir e a quem tinham de o fazer. O que demonstra que é um grupo que sabe trabalhar e onde têm um raciocínio lógico e sequencial.

Em suma, é um grupo com grandes capacidades de elaboração de tarefas onde existem três/quatro alunos que são mais difíceis de fazer com que se concentrem, mas que recorrendo a ordens assertivas e diretas acabam por realizar as tarefas pedidas, envolvendo-se nas mesmas.

Percurso da Intervenção Educativa

A prática de ensino supervisionada (PES) de Educação de Infância aconteceu durante um período de quinze semanas, sendo que no meu caso pessoal se refletiu em catorze semanas por ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica, sendo que as duas primeiras foram de observação e seis de implementação, as restantes foram de observação e auxílio da prática da educadora cooperante.

No meu caso não formei um par pedagógico, o meu estágio refletiu-se em implementar-observar/ajudar a educadora cooperante-implementar, semana sim semana não. Pelo facto do estágio se reger assim tentei sempre que as minhas implementações e os temas que utilizava fossem no seguimento dos temas dados e trabalhos pela educadora cooperante na semana anterior ou posterior, escolhendo sempre em conjunto os temas a serem desenvolvidos, trabalhando assim conjuntamente com a mesma e de forma a que as crianças percebessem que existia um fio condutor entre uma semana e a outra.

Assim, o estágio foi ainda mais proveitoso a nível pessoal e profissional porque consegui acompanhar quinzenalmente a prática profissional de uma educadora experiente e aprender, assim, muito mais com ela.

Ao longo das duas semanas de observação consegui entender as principais rotinas do grupo, a sua ligação com os adultos, principalmente com a educadora e a assistente operacional, pude compreender a forma como as áreas eram utilizadas e como as crianças identificavam as áreas para onde queriam ir brincar. Entretanto, consegui desde cedo criar uma grande empatia com as crianças, também porque a educadora assim abriu portas para que isso acontecesse, permitindo desde o primeiro momento que as crianças me conhecessem e estivessem à-vontade comigo.

Durante as semanas de intervenção foram abordados diferentes temas e relacionados com as diversas áreas e domínios presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação.

Em todas as semanas de intervenção tivemos um Professor da Escola Superior de Educação que orientava e corrigia as planificações, que ia observar a implementação

e depois refletia sobre o trabalho que desenvolvíamos ajudando, assim, a perceber os nossos erros e dando *feedbacks* positivos e negativos sobre o que tinha observado, permitindo assim a evolução da minha prática. A educadora cooperante também deu todas as semanas uma breve reflexão sobre a semana que tinha realizado, permitindo-me assim saber o que poderia melhorar.

Refletindo agora sobre os temas trabalhados, como já referi tentei sempre que a minha intervenção fosse um seguimento da intervenção da educadora cooperante. Assim trabalhei os seguintes temas globais: na primeira semana trabalhei o tema do *Halloween*, na segunda semana o Corpo Humano, na terceira semana o Natal, na quarta semana as Janeiras e a quinta e última semana foi inteiramente direcionada ao Projeto de Empreendedorismo.

A quarta-feira de manhã, era inteiramente direcionada para a Educação Física, tendo o espaço do polivalente disponível para a minha sala. As aulas seguiam sempre uma estrutura própria: aquecimento, atividades direcionadas para os jogos e o relaxamento respeitando, sempre, o tema global que estava a ser trabalho nessa semana. As crianças adoravam estas atividades, tentei sempre apresentar sempre jogos diferentes e que proporcionassem momentos de aprendizagem significativos.

O domínio da Matemática foi trabalhado maioritariamente através de receitas de culinária, sendo que era algo que captava as crianças do início ao fim devido a toda a envolvimento que se criava na execução da receita, trabalhando assim os padrões com figuras natalícias, a contagem e os grupos de 2, 5 e 10 na execução dos bolinhos de côco, foi também trabalhado as funcionalidades da balança e como a podemos utilizar, trabalhando com a mesma o dobro/metade/triplo tendo muitas vezes que ser ambiciosa nas tarefas que lhes pedia devido a um determinado grupo de crianças que percebiam rapidamente os exercícios e já executavam alguns com grande facilidade.

O domínio da linguagem oral era o mais trabalhado, principalmente nas rotinas porque o dia começava sempre com um diálogo sobre variadíssimos temas que surgiam e onde as crianças se envolviam facilmente. Contudo, tinham também a hora do conto protagonizada pela professora Ana à segunda-feira de manhã, hora que eu utilizava depois para criar o reconto feito por eles através de diferentes atividades e com a leitura

de histórias feita por mim. Assim como o domínio da linguagem escrita era trabalhado com a escrita do nome nos diferentes trabalhos executados.

O domínio que mais foi trabalhado de forma planeada e coerente foi o domínio da Educação Artística, destacando-se a Expressão Plástica onde foram trabalhadas diferentes formas de expressão artística como pintura com diferentes materiais, colagem, recorte e cola dando sempre espaço e margem para que a criatividade e a imaginação das crianças se desenvolvessem progressivamente. O subdomínio da música era trabalhado todos os dias através da música dos bons dias, música que fazia parte das rotinas da sala, assim como a turma tem acesso a aulas de música dadas por uma professora de educação musical às terças-feiras de tarde e sextas-feiras de manhã. Posteriormente, foi também trabalhado aquando a ida que proporcionei às crianças a um centro de dia de idosos para cantar as Janeiras, onde ensinei a música “as Janeiras” às crianças, onde utilizámos instrumentos e a voz para isso. A dança foi trabalhada através da aprendizagem de coreografias, primordialmente atividade que fazia parte do aquecimento em motricidade.

A área do conhecimento do mundo foi trabalhada no dia-a-dia aquando do registo do tempo climático desse dia. Era também trabalhado as estações do ano, a noção de calendário semanal, questionando uma criança aleatoriamente ou em grande grupo que dia da semana era, que dia do mês e em que ano ou estação estávamos. Quando fomos visitar os idosos, plantei com eles vasinhos para que eles os pudessem oferecer aos mesmos. Assim como na realização de *slime* trabalhámos a mistura de cores, as misturas heterogéneas e homogéneas, soluções líquidas e sólidas.

Atividades que as crianças adoraram realizar porque construíram algo que faz parte do quotidiano delas, havendo, inclusive, pais que mais tarde me vieram pedir a receita para a realizar com os filhos em casa.

Durante a minha intervenção foram desenvolvidas atividades fora da instituição com as crianças, promovendo assim novas experiências e vivências. Destaco, por exemplo, na altura do Natal a ida à duendelândia em Valença, mostrando-lhes assim a fortaleza da cidade e vivenciando um dia diferente, onde se viveu o espírito natalício e se realizaram várias atividades, assim como a ida ao lar de idosos cantar-lhes as janeiras proporcionando assim uma troca de experiências com pessoas de diferentes faixas etárias...

No contexto educativo e na primeira semana intensiva, de segunda a sexta, tive o privilégio de acompanhar o grupo às aulas de patinagem que aconteceram num pavilhão do concelho. Tal como, acompanhei e auxiliei na realização da cantata de natal que o jardim de infância promoveu para os idosos e para os pais das crianças, uma atividade que comoveu de uma forma avassaladora porque o orgulho do trabalho bem-sucedido foi notório. Fomos também à ACEP na altura do Natal onde nos foi proporcionado uma manhã diferente, onde o meu grupo teve o contacto com os 5 sentidos, tema que abordei durante as minhas intervenções quando trabalhei o corpo humano e que evidenciei nesse dia que as aprendizagens tinham sido consolidadas e refletivas nas respostas que davam à professora que nos recebeu, visita que acabou com uma peça de teatro finalizando assim a manhã.

Foi-nos proposto que ao longo da nossa intervenção trabalhássemos um projeto de empreendedorismo com as crianças da sala. Iniciei este projeto com a leitura de uma história “A história do Miguel”, onde depois de a ler fiz várias perguntas para que as crianças percebessem que o menino tinha um desejo e que com a ajuda da educadora o realizou, realizando assim uma breve reflexão sobre a história. Seguidamente, pedi que eles desenhassem um desejo que tivessem: algo que gostassem de ter na escola ou na sala, algo que gostassem de fazer... etc.

Em contrapartida àquilo que estava à espera os desejos das crianças eram coisas simples de se realizar ou então impossíveis: fazer bolachas, ir ao shopping, ir à neve, ir às ondas, ter uma nave espacial, ter uma horta na escola ou um jardim, construir um baloiço de duas pessoas, construir um campo de futebol, como tinha de haver um desejo comum, decidimos em grande grupo que iríamos pelo desejo da maioria. Fizemos a contagem dos desejos e ganhou a ida à piscina, sendo que me comprometi que ao longo do tempo iria tentar realizar outros desejos que, entretanto, ficaram pendentes, os possíveis, claro.

Escolhido o nosso desejo começámos a refletir sobre tudo aquilo que precisávamos de fazer para a realização do mesmo, identificando assim os colaboradores que seriam necessários e os materiais necessários. Posteriormente, falámos sobre o que é ser uma pessoa empreendedora através de várias imagens, sendo que as crianças conseguiram construir uma definição sobre isso.

De seguida, falei-lhes da necessidade de criarmos um protótipo do nosso projeto e quais os materiais que precisávamos para o construir, esta fase foi complicada porque as crianças queriam construir, efetivamente, uma piscina na escola e foi difícil dissuadi-los disso! Contudo, depois de alguma insistência conseguiram perceber que materiais podiam utilizar para a construção do mesmo, surgindo a extraordinária ideia de usar *slime* para fingir a água da piscina.

Fomos ao longo das semanas contactando a câmara e com um e-mail conseguimos acesso à piscina e o transporte para a mesma, gratuitamente.

Depois de conseguida a autorização era a vez de mostrar às crianças as regras de utilização da piscina, tarefa que realizei com um jogo e foi fácil execução e consolidação porque havia dois alunos que andavam na natação.

Foi também trabalhado com as crianças o material que era necessário para frequentar a piscina, sendo que teriam de ser elas a pedir aos pais que fizessem a mochila que iriam levar no dia da ida, (embora que eu e educadora enviámos um recado com o material necessário aos pais, posteriormente).

A ida à piscina foi concretizada no último dia de estágio, sendo que fomos de manhã e passamo-la na piscina com todas as crianças a brincar e nadar livremente.

Apesar deste ser o tema primordial do nosso projeto, realizei, como disse, alguns outros desejos que foram desenhados como a concretização das bolachas, a ideia dos vasilhos para os idosos apareceu de um desejo de uma menina que pediu um jardim na escola portanto para além dos vasilhos, construámos também um jardim vertical que está agora na sala, como a construção do campo de futebol na escola era impossível levei-lhes uma mesa grande de matraquilhos para a sala, onde se criou uma área de brincar para jogarem neles, a ida à duendelândia era suposto irmos à pista de gelo também mas não conseguimos por outras questões alheias a nós, etc.

Em suma, finalizámos o nosso projeto de empreendedorismo em sala realizando um resumo do percurso realizado para a sua concretização utilizando a roda presente no livro fornecido no início do ano.



Figura 1. Ida à piscina resultante do projeto de empreendedorismo

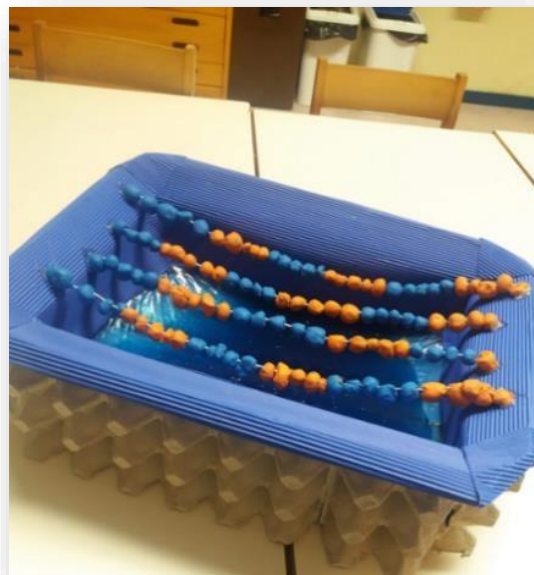


Figura 2. Protótipo do Projeto de Empreendedorismo desenvolvido

Caracterização do Contexto Educativo do 1º CEB

Neste capítulo é apresentado o contexto educativo onde esta prática ocorreu, assim como os espaços físicos disponíveis para a prática, tal como os recursos humanos disponíveis. É ainda apresentada uma caracterização do grupo de crianças em questão.

Esta prática de ensino supervisionado aconteceu numa escola primária do distrito de Viana do Castelo, num agrupamento onde fazem parte doze escolas primárias, dez jardins-de-infância, três escolas com 2º e 3º ciclos e uma escola secundária.

No contexto educativo desta PES II só havia a escola de primeiro ciclo, um edifício que foi renovado recentemente, composto por um grande espaço exterior.

O edifício possui dois pisos, sendo que no segundo piso tem duas salas de aula, um espaço para os professores com computador, impressora e fotocopiadora, dois armários com material para os trabalhos dos alunos, uma casa-de-banho para alunos e outra para os professores, possui também uma mesa com cadeiras para o apoio ao estudo, já no primeiro piso temos a cantina onde fica também a sala dos professores lancharem e reunirem, tem uma casa-de-banho para alunos e outra para professores, possui uma arrecadação e duas salas de aula, uma serve para o 1º e 4º ano e a outra é usada quando é preciso, normalmente para o apoio ao estudo dos NEE's.

Quanto aos recursos humanos, a escola possui diariamente uma coordenadora na escola sendo também a professora do 2º ano, possui uma professora para o 3º e 4º ano e uma professora para o 1º e 4º ano, semanalmente 2 ou 3 vezes vem uma professora dar o apoio ao estudo e outra professora que vem trabalhar com os NEE. Trabalham também duas auxiliares, uma cozinheira e uma ajudante de cozinha que na hora depois do almoço é, também, auxiliar.

Todas as segundas-feiras os alunos têm na escola um professor de música que lhes dá uma hora de aula, assim como da parte da manhã, o 1º e 4º ano se dirigem à piscina do agrupamento para terem aula de natação.

Esta escola tinha o seguinte horário de funcionamento:

Quadro 2. Horário de funcionamento da escola do 1º CEB

<i>Horário</i>	<i>Atividades (segunda-feira)</i>	<i>Atividades (terça-feira a sexta-feira)</i>
9h15 – 11h00	Aula de natação	Atividades letivas
11h00 – 11h30	Recreio	Recreio
11h30 – 12h45	Aula de música	Atividades letivas
12h45 – 14h30	Almoço	Almoço
14h30 – 16h15	Atividades Letivas	Atividades letivas
16h30 – 17h15	AEC's	AEC's

Caracterização do grupo

O grupo onde esta prática supervisionada foi realizada é uma turma mista com 12 alunos do 1º ano e 8 do 4º ano, onde existem 2 alunos do 4º ano com Necessidades Educativas Especiais (NEE). É um grupo muito prazeroso de trabalhar, havendo três/quatro alunos do quarto ano onde é preciso uma postura mais assertiva para que prestem atenção ao que lhes é transmitido.

O primeiro ano tem alunos em vários níveis de aprendizagem, não no sentido de aprenderem mas no sentido de haver alguns alunos onde é necessário um maior reforço positivo para que acreditem que são capazes, é um grupo bastante autónomo, atento e interessado em todas as atividades que se propõe, onde tem dois ou três alunos que exigem da professora uma enorme capacidade de trabalho porque acabam as tarefas bem e depressa em relação aos colegas, portanto permite que exista sempre uma grande carga de trabalho ou perdiam-se facilmente.

O quarto ano é um grupo ligeiramente mais difícil de trabalhar visto que as personalidades estão mais vincadas e todos se querem sobressair, procurando levar avante a sua opinião. Contudo, apesar de ser um grupo muito coeso, com uma dinâmica de trabalho já desenvolvida e ritmo de aprendizagem, revela muitas dificuldades nas relações interpessoais existindo muitas vezes conflitos de *Bullying* e discriminação sexual, onde diariamente ficam de castigo porque não respeitaram o colega e andaram com agressões físicas e verbais, no intervalo ou na hora de almoço. Estas atitudes,

diagnosticadas e percebidas, foram importantes para a transformação dos comportamentos das crianças.

A forma como a professora cooperante trabalha com eles torna o espaço educativo muito coeso na medida em que, apesar de serem anos diferentes, o tema a tratar apresenta convergência, apesar de não ser trabalhado, pedagogicamente, da mesma forma, atendendo aos níveis de ensino. É uma turma que demonstra um trabalho conciso, autónomo e perspicaz, havendo a necessidade do quarto ano querer fazer e ajudar muitas vezes o primeiro ano, surgindo até tarefas que desejam desempenhar apesar do nível etário como acontece aquando da expressão plástica. Quanto às aulas de educação física, este é um ponto fraco da escola porque quando as condições climatéricas não são favoráveis esta área é deixada de parte porque não existem condições físicas para que a aula se processe pela falta de um pavilhão ou espaço coberto, embora seja uma área muito apreciada pela turma.

Percurso da intervenção educativa

Confesso que entrei neste segundo momento de estágio muito relutante, vinha de um contexto espetacular, onde fui muito bem recebida e respeitada. Por isso, com o receio que o Euromilhões não saísse a segunda vez fui a medo para o primeiro dia. Sendo que, mais uma vez a vida pregou-me uma partida e voltei a começar o estágio mais tarde que as minhas colegas devido a problemas de saúde, tendo passado a primeira semana de estágio no hospital.

No primeiro dia, os meus medos dissiparam-se logo, fui recebida pela auxiliar da escola e fui logo muito bem-recebida. A minha turma estava na aula de natação na piscina do agrupamento e por isso a auxiliar mostrou-me a escola toda e apresentou-me a toda a comunidade escolar. As professoras que pertencem à escola pararam as suas aulas para me darem as boas vindas e desejar boa sorte para a nova aventura que se avizinhava. Percebi desde logo o ambiente familiar e acolhedor da escola onde fiquei destacada. Foram, sempre, de uma simpatia imensa, demonstrando-me sempre que estariam ali caso precisasse. Depois do intervalo, chegaram os meus alunos e a professora cooperante. Esta deixou-me desde logo à vontade e permitiu-me ser eu

própria. Apresentou-me aos alunos e não fez qualquer diferença entre mim e outra professora qualquer, não me destacando, por exemplo, como uma estagiária.

Os alunos reagiram sempre muito bem à minha presença, tratando-me com respeito, pedindo por vezes mimo, mais por parte dos alunos do primeiro ano.

Apesar de ter “entrado” uma semana mais tarde tive a oportunidade de ter, na mesma, três semanas de observação como as minhas colegas. Contudo, na segunda semana a professora cooperante já me deixava ficar na sala com o 1º ano em correção e realização de fichas de trabalho, leitura de pequenos livros das letras aprendidas (iniciativa da professora cooperante que por cada letra aprendida criava um livrinho A5 com 5 a 7 textos para que os alunos estudassem os textos e no dia seguinte fizessem uma leitura autónoma dos textos estudados, onde a professora avaliava a leitura e apontava juntamente com um carimbo de bom trabalho, adorei esta forma de incentivo à leitura), e ia com o 4º ano para a sala ao lado dar matéria, ou vice-versa. O que me permitiu ganhar confiança na minha prática, mas acima de tudo e mais importante ainda, permitiu ganhar a confiança dos alunos.

Assim, as minhas semanas de observação nunca foram somente observações, fiz sempre questão de ajudar a professora cooperante como e sempre que podia. Ter dois níveis de ensino é extremamente exigente, mas aprende-se muito mais sobre as dinâmicas de níveis de ensino diferentes.

Quanto às minhas semanas de implementação, maioritariamente não me senti nervosa com as mesmas, porque já tinha a confiança dos alunos, já conseguia ser assertiva com eles quando o momento assim o exigia e tinha segurança em saber que sempre que precisasse a professora cooperante estaria ali para me amparar o erro. Trabalhei diferentes temas com eles, em conversa com a professora cooperante, definíamos sempre um tema para trabalhar durante a semana as diferentes áreas e foi assim que fomos trabalhando.

Na primeira semana trabalhei o livro *João Pé de Feijão* e fizemos uma plantação vertical dos feijões e o registo de observação que foi realizado durante um mês, observando e registando os feijões todas as semanas, realizámos padrões com feijões trabalhando assim a matemática e fizemos a leitura e interpretação da história. Sendo

que a segunda-feira de manhã era sempre utilizada para a natação e para a aula de música.

Nas semanas seguintes, foram trabalhados diferentes temas como o dia do pai, o dia da mãe, o dia do trabalhador, as profissões onde aproveitei e levei à escola 3 GNR's onde falaram sobre a sua profissão e realizei um *peddy paper* com eles pela escola toda onde encontraram algumas profissões que os rodeiam só estando na escola.



Figura 3. Ida dos GNR à escola

Trabalhámos o tema desta dissertação: igualdade de género, com recurso a brinquedos usuais das crianças, interpretámos contos tradicionais infantis, categorizámos brinquedos, atribuímos prendas à mãe e ao pai, explorámos um livro ilustrado pela cooperante, observámos vídeos de situações de desigualdade de géneros e debatemo-los, realizámos um dado da paz criando a rotina de o lançar todos os dias e realizar a ação que saía (desde ajudar os colegas, não dizer palavrões, ouvir os colegas, brincar com todos no recreio sem discriminar ninguém).



Figura 4. Dado da paz, elaborado pelos alunos

E, por fim, o dia mundial da criança onde consegui desenvolver uma atividade que foi realizada pelos 61 alunos da escola mais 45 crianças do pré-escolar que se deslocaram à escola para festejar o dia da criança. Este foi, sem dúvida, um estágio cheio de aprendizagens. Onde ganhei bagagem para enfrentar dificuldades que possam surgir ao longo da minha futura carreira.

Um estágio onde percebi a dificuldade que existe em ter dois níveis de ensino e a exigência que esse facto acarreta comparado a ter apenas um ano de escolaridade. Contudo, foi com isso que aprendi muito do que sei, fiquei com uma professora cooperante extraordinária que me ajudou em tudo e mais alguma coisa, que me deu todo o apoio, todo o carinho, que foi muito mais que uma pessoa que me avaliou, foi, é e espero continuar a ser uma amiga.

Ganhei muitas pessoas queridas que levarei para a vida durante estes estágios, pessoas com quem aprendi, mas acima de tudo, cresci como pessoa e profissional.

A nossa atualidade está repleta de notícias, de artigos de opinião e de textos de natureza académica em que as questões de género são tópico central. Uma simples pesquisa no motor de busca “google” com o tema “igualdade de género” proporciona cerca de 4 640 000 resultados (em apenas 0,35 segundos), numa pesquisa geral. Já se o tópico, com a mesma palavra-chave, for pesquisado neste motor em “notícias” temos cerca de 158 000 resultados (em apenas 0,22 segundos).

Trata-se de uma temática que, em virtude das transformações sociais recentes da sociedade portuguesa, nomeadamente depois do 25 de Abril de 1974 e do processo de democratização, se vem colocando com renovado interesse e que acompanha, na generalidade, uma tendência de todo o mundo ocidental.

Numa época em que – como em nenhuma outra – se fala em divisão de tarefas no seio conjugal e das famílias, desempenho de diferentes papéis e vivência de processos de empatia face ao género, estes assuntos chegam às salas de aula e ultrapassam as fronteiras tradicionais casa-escola para se transformarem num tema com um interesse pedagógico muito relevante, à medida que, também preenchem o dia-a-dia das crianças e das suas famílias. Foi este eco que este estudo sentiu, desde a sua primeira hora.

Já em 1995, na conferência de Pequim, o conceito “igualdade de género” foi adotado. Contudo, adotar um conceito não é o suficiente e é necessário um trabalho assertivo para que as coisas se realizem.

Em 2013, foi editado em Portugal um manual que tem por título “Orçamentos sensíveis ao género: manual sobre a implementação prática de uma perspetiva de género no processo orçamental” dando assim um ponto de partida para a necessidade de criar condições governamentais onde a igualdade de género seja premonitória: “Os princípios sobre os quais se baseava a elaboração dos orçamentos deixavam um espaço mínimo, ou mesmo nulo, a considerações sobre a igualdade.” (Quinn, 2013)

Percebe-se que antes deste manual a igualdade de género não era um dos pontos fulcrais aquando da realização dos orçamentos de estado.

(Quinn, 2013) trabalha ainda com as questões principais na intervenção para a igualdade de géneros, acreditando que:

“É essencial compreender como nascem as desigualdades entre as mulheres e os homens para poder lutar contra as suas diversas manifestações. É indispensável, em primeiro lugar, compreender como se constroem as diferenças entre as mulheres e os homens e as suas relações, e como se perpetuam na sociedade e nas instituições”

Ora, a autora confronta para a necessidade de compreender onde se constroem as diferenças entre as mulheres e os homens e como se perpetuam na sociedade e nas instituições, a presente dissertação foi à procura dessa resposta, no sentido de entender como é que as crianças pensavam, interagiam e se comportavam quando eram colocadas em situações que não costumam ser confrontadas. Questões de desigualdade de género, onde tomámos por natural um comportamento que vivenciamos em casa e o reproduzemos nas suas atitudes.

Todavia, foi em 1978, aquando da revisão do Código Civil, que a mulher começou a ter mais direitos cívicos e sociais ganhando assim a independência em relação ao marido, deixando de ser propriedade do mesmo como até então, desaparecendo assim a figura de “chefe de família” (consagrada na constituição de 1933) bem como o direito dos homens em dispor e administrar os bens do casal sem consentimento da mulher, assim como a conquista de poder nas decisões da educação dos filhos e na detenção do seu património e tudo o que este envolve.

A partir de 1978, a mulher deixou de precisar de autorização do marido para ser comerciante, cada um dos cônjuges pôde exercer qualquer profissão ou atividade sem o consentimento e aprovação do respetivo companheiro. Desde essa altura que Portugal está entre os países da União Europeia (EU) com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho.

Contudo este trabalho governamental vem sendo consolidado ao longo dos anos, admitindo a “cidadania” como parte integrante nos planos de estudo dos diferentes

níveis de ensino, construindo/criando por exemplo a comissão para a cidadania e a igualdade de género (CIG) onde são trabalhados os direitos e construídas opiniões fundamentadas sobre o assunto, comissão esta que é a principal responsável pela edição e construção dos *Guiões de Educação Género e Cidadania* para o pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo onde podemos encontrar variadíssimas atividades para fomentar nos nossos alunos a igualdade de género e promover as mesmas oportunidades a todas as crianças não as distinguido pelo género.

Esta é uma temática à qual o governo vem dando cada vez mais uma importância significativa e está previsto que até 2030 o governo português concretize planos de ação para a igualdade entre mulheres e homens (PAIMH) concretizando

“garantir uma governança que integre o combate à discriminação em razão do sexo e à promoção da IMH nas políticas e nas ações, a todos os níveis da Administração Pública; Garantir as condições para uma participação plena e igualitária de mulheres e homens no mercado de trabalho e na atividade profissional; Garantir as condições para uma educação e uma formação livres de estereótipos de género; Promover a IMH no ensino superior e no desenvolvimento científico e tecnológico; Promover a IMH na área da saúde ao longo dos ciclos de vida de homens e de mulheres; Promover uma cultura e comunicação social livres de estereótipos sexistas e promotoras da IMH; Integrar a promoção da IMH no combate à pobreza e exclusão social.” (pp.8) [\(República, 2018\)](#)

Assim, percebemos que em Diário da República está previsto o caminho para a igualdade de género até 2030, considerando pontos cruciais para que isso aconteça. O CIG é o principal promotor desta igualdade, sendo a entidade criada para impulsionar esta mudança tão enraizada desde os nossos antepassados.

Enquadramento teórico

“Nenhuma cultura conseguiria transmitir os seus valores, linguagem, práticas e competências próprias, se tivesse de moldar específica e laboriosamente cada um dos seus membros, pelas consequências dos seus comportamentos, sem utilizar modelos que exemplifiquem os padrões culturais.” (Melo-Dias & Silva, 2019)

O tema escolhido para esta dissertação relaciona-se com a desafiante e muito atual problemática da cidadania e igualdade de género. Nos nossos dias, a temática vem sendo abordada no espaço público, pela comunicação social, por diversos comentadores e, naturalmente, pela nova legislação que vai sendo produzida pela Assembleia da República e pelo Governo. Contudo, há também uma produção científica crescente sobre o assunto, numa pesquisa no RCAAP sob o termo “identidade de género” podemos encontrar 4365 documentos relacionados o tema, o que, por si só, nos indica a abrangência, pertinência e imensidão que o tema sugere.

Sendo esta temática – a erradicação da discriminação por género – uma principal preocupação por parte dos últimos governos constitucionais (sobretudo nas últimas duas décadas), devemos destacar a inclusão, na orgânica dos respetivos executivos de ministérios e secretarias de estado inteiramente dedicadas a esta temática¹:

XIV Governo Constitucional (liderado por António Guterres):



*Figura 5- Ministra para a Igualdade:
Maria de Belém Roseira (1999-2000)*



*Figura 6- Secretária de Estado para a
Igualdade: Maria do Céu Cunha Rego*

Fonte: Público

¹ Todas as informações podem ser consultadas em <https://www.historico.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais.aspx> (consultado a 7 de Novembro de 2011).

XVIII Governo Constitucional (liderado por José Sócrates):



*Figura 7- Secretária de Estado da Igualdade:
Elza Pais*

Fonte: Governo de Portugal

XIX e XX Governo Constitucional (liderado por Pedro Passos Coelho): Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade



*Figura 8- Ministra da Cultura, Igualdade e Cidadania:
Teresa Morais*

Fonte: Governo de Portugal

XXI e XXII Governo Constitucional (liderados por António Costa): Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade



Figura 9 - Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade: Rosa Monteiro

Fonte: Governo de Portugal

Repare-se que a pasta da Igualdade – sob a forma de ministério ou secretaria de estado, na dependência de outras tutelas – faz parte das orgânicas governamentais desde há precisamente 20 anos. Quer isto dizer que é ainda um caminho recente, apesar da inegável importância que lhe vem sendo dada e pela escolha de mulheres para o seu exercício, o que se reveste também de um carácter simbólico.

Também no Ministério da Educação já se efetivou a integração da Educação para a Cidadania enquanto área curricular, em que o Género é, naturalmente, um tema fulcral. A Direção Geral de Educação organizou no seu currículo uma série de medidas que protagonizam o trabalho em sala de aula e na escola sobre a cidadania, colocando os assuntos principais divididos em 3 grupos definidos por obrigatoriedade de tratamento e importância sendo que encontramos logo no primeiro grupo o assunto “igualdade de género”, com o acento de que é um tema obrigatório de trabalhar em todos os anos escolares.

Construíram-se, também, linhas condutoras para a transmissão e orientação dentro desta área específica, com a produção do Guião de Cidadania e Igualdade de Género para o pré-escolar e primeiro ciclo, demonstrando a importância do tratamento desta temática. Segundo o documento:

A escola tem como missão promover a igualdade de oportunidades e educar para os valores do pluralismo e da igualdade entre homens e mulheres. Urge, desenvolver um esforço para a eliminação da discriminação em função do

género e, conseqüentemente, de relações de intimidade marcadas pela desigualdade e pela violência, constituindo-se parte essencial da educação para os direitos humanos, para o respeito pelos direitos e pelas liberdades individuais na perspectiva da construção de uma cidadania para todos. (Ministério da Educação).

Ou seja, esta transcrição vem desenvolver a importância da Escola enquanto espaço que possa promover a eliminação de estereótipos e eliminar a discriminação em função do género, assegurando o cumprimento de preceitos constitucionais.

Reforçando o documento do Ministério da Educação com a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, que na sua publicação (Torres, 2013) dá ênfase a um conjunto de estratégias educativas que possibilitem a integração de diferentes identidades:

A eliminação de estereótipos de género deve constituir, uma prioridade da educação e da formação, para que raparigas e rapazes possam ter iguais possibilidades e direitos de escolha ao longo do seu percurso escolar e profissional, na construção dos seus projetos de vida ou nas respetivas participações, a todos os níveis, na vida económica, social e política.

Entende-se, portanto, com estas duas transcrições de documentos públicos que as instâncias do nosso governo se questionam sobre estas temáticas e compreendem que é crucial trabalhá-las com as crianças para que o futuro se construa de forma equilibrada e negociada, sendo que ambos consideram importantíssimo a eliminação dos estereótipos de género para que exista um mundo onde homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades, tanto a nível profissional como pessoal.

Como é um tema tão importante de trabalhar é necessário que exista mais envolvimento por parte dos professores e do seu trabalho em sala de aula. A complexidade do tema remete-nos para a imprescindibilidade do mesmo, visto que falar sobre um tema tão complexo requer alguma destreza, principalmente quando a criança já traz do seu contexto familiar certos valores e princípios em que por vezes existem conceções estereotipadas sobre funções sociais e papéis de género, facto esse que foi parte importante neste estudo.

Existem vários documentos normativos que entendem a importância do tratamento destes assuntos desde tenra idade, como já evidenciámos. Contudo, há autores que defendem que se deve começar desde o pré-escolar (Cardona, Vieira, Uva, & Tavares, 2015):

A escola, para além de ser um local de compreensão e de preparação de rapazes e raparigas para a vida, deverá estar entre os principais agentes da mudança contribuindo, “juntamente com outros intérpretes sociais, para a construção da realidade”, como escreveram Gisela Tarizzo e Diana Marchi (1999: 6). Por esse motivo, deve desempenhar o seu papel na eliminação das desigualdades entre homens e mulheres que continuam a prevalecer.

Antes de avançarmos para a componente importantíssima de História no presente estudo é importante distinguir sexo de género.

(Le Monde selon les femmes, n.d.) indica que “Sexo não é género. Género não é sinónimo de mulher”, assim entende-se que sexo não está diretamente ligado ao género. Enquanto, o sexo é algo biológico o género está ligado às relações sociais, interligando-se às desigualdades e às diferenças entre Homens e Mulheres na nossa sociedade em diferentes contextos: socioeconómicos, políticos, culturais e históricos. Esta é a leitura da maior referência contemporânea nos estudos de género que é Simone de Beauvoir.

Como tal é precisamente à História que vamos perceber de onde, como e porque surgem estas desigualdades de género que continuam tão atuais.

A História da Europa e da Humanidade nos últimos 2000 anos – para não recuarmos ao período da Pré-História e da História Antiga – mostra-nos que a função social de Homem e Mulher são construídas tendo por base a diferença social pertencente aos seus papéis económicos, familiares e sociais: ao Homem é atribuída, em geral, por conta da força física, a liderança da casa e da família, mas também a busca do sustento económico fora do espaço doméstico, enquanto que à Mulher cabia o papel de educação e formação das crianças, de zelar e administrar a casa de família, bem como uma dependência económica do marido que, no fundo, a protegia mas também controlava. Como nos comprova (Beauvoir, 1970) quando afirma:

Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta” (p. 15)

Simone de Beauvoir afirma que em nenhum país existe estatuto da mulher idêntico ao do homem, apesar de existirem direitos e legislação que permite a existência do mesmo – Portugal está entre os países com maior discriminação de género da Europa embora seja o país com mais mulheres empregadas– o que nos dizendo e tendo-nos como um país desenvolvido é um assunto que precisa de ser trabalhado – começando pelas tenras idades.

Ainda assim, contando que o problema vem de trás, dos nossos antepassados, é preciso entender onde é que ele está instaurado para continuar a acontecer no presente e aí entra a família, os costumes familiares, a transmissão de valores e a necessidade de a sociedade ser um espelho para as crianças que hoje recebem as nossas ações.

Assim vários autores do domínio da Sociologia da Família – nomeadamente Martine Segalen – se vêm dedicando à abordagem deste assunto, reforçando que a instituição do matrimónio – nomeadamente a nível económico – marcaram o aparecimento do modelo familiar prevalecente no mundo ocidental que se corporizou na chamada “família burguesa”.

Segalen afirma que no passado os Homens tinham o dever de ser o chefe de família como até então acontecia nos seus antepassados e a mulher era a cuidadora do lar e das crianças, porém tudo mudou quando a industrialização aconteceu e existiu uma grande procura de trabalho a situação mudou, sendo que mulheres e crianças também eram chamadas a trabalhar para estabilizar as economias domésticas. Contudo, os salários destes eram muito inferiores ao dos homens. A autora recorda que:

En la ciudad, en la fábrica, los comienzos del capitalismo, y en particular del capitalismo textil, desorganizaron seriamente la vida familiar al poner a la

mujer en la fábrica y, en segundo lugar, a los niños. Los magros salarios masculinos exigían que todos trabajaran en la fábrica. (...) El salario femenino era inferior al de los hombres y el salario de los niños menor aún. (Segalen, 2013).

Deu-se então a oportunidade de as mulheres começarem a trabalhar e a serem parte importante nas economias domésticas mesmo tendo um salário mais baixo que o homem, havendo assim uma revolução na “família tradicional” até então sendo que a mulher saía para trabalhar, tal como o homem. Porém, continuava com o mesmo “status” na sociedade.

Na tabela indico os acontecimentos mais marcantes para esta mudança – que legislações foram construídas, alteradas, que posições governamentais foram importantes para esta nova sociedade como a conhecemos e que caminho foi percorrido.

Quadro 3: Datas importantes para a promoção da igualdade de género em Portugal

Data	Acontecimento	Legislação aplicável
1974	As mulheres podem votar e ser eleitas de forma universal e livre pela primeira vez.	A todos os cargos administração local Decreto-lei nº492/74 de 27 de setembro
		à carreira diplomática Decreto-lei nº308/74 de 6 de julho
	Abre-se o acesso às mulheres a 3 tipos de carreiras:	à magistratura Decreto-lei nº 251/74 de 12 de julho
1976	Foi abolido aos maridos o direito de abrirem correspondência da mulher	-
1978	A mulher começou a ter direitos ganhando assim a independência em relação ao marido, deixando de ser propriedade do mesmo	-

Quadro 3 (continuação): Datas importantes para a promoção da igualdade de género em Portugal

Data	Acontecimento	Legislação aplicável
2005 Constituição da República Portuguesa (revisão)	Para assegurar o direito ao trabalho, incumbe ao Estado promover: A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais”	Artigo 58º 2.B
	Incumbe, designadamente, ao Estado para proteção da família: cooperar com os pais na educação dos filhos	Artigo 67º 2.C
	Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar	Artigo 74º 1.
2008 Fórum educação para a cidadania	Foram celebrados os 60 anos da declaração dos Direitos Humanos. “O Ano Europeu do Diálogo Intercultural e os 30 anos da revisão do Código Civil, que concretizou em Portugal a igual cidadania de homens e mulheres na esfera privada; Considerou como objectivos estratégicos de um Plano de Acção de Educação e de Formação para a Cidadania os seguintes: 1 – Promover uma cultura de responsabilidade individual e social. 4 - Oferecer a todas as alunas e a todos os alunos uma base comum de conhecimentos, atitudes e competências através de uma adequada educação para os direitos e as responsabilidades numa perspectiva de Educação para e na Cidadania Global que: I. contribua para o seu desenvolvimento pessoal e social com base em experiências diversificadas de vida democrática; II. as/os habilite a ser agentes activas/os da eliminação dos mecanismos sociais que constroem e reproduzem a desigualdade e as discriminações, bem como a valorizar as diversidades como fonte de enriquecimento humano;”	
Até 2030 CIG- Comissão para a cidadania e igualdade de género	“Garantir uma governança que integre o combate à discriminação em razão do sexo e à promoção da IMH nas políticas e nas ações, a todos os níveis da Administração Pública; Garantir as condições para uma participação plena e igualitária de mulheres e homens no mercado de trabalho e na atividade profissional; Garantir as condições para uma educação e uma formação livres de estereótipos de género; Promover a IMH no ensino superior e no desenvolvimento científico e tecnológico; Promover a IMH na área da saúde ao longo dos ciclos de vida de homens e de mulheres; Promover uma cultura e comunicação social livres de estereótipos sexistas e promotoras da IMH; Integrar a promoção da IMH no combate à pobreza e exclusão social.”	

O século XX e XXI proporcionaram, em poucas décadas, um conjunto de alterações estruturais que se mantiveram, quase inalteradas, ao longo de mais de 4000 anos de História da Humanidade.

A Mulher contemporânea é, por isso, muito diferente das suas antepassadas: possui direito ao voto, ocupa posições destacadas no mundo laboral, tem cargos de grande importância socialmente, enquanto que as mulheres de antigamente se dedicavam inteiramente aos maridos e aos filhos, sendo maioritariamente responsáveis pela educação destes últimos, esse papel foi-se alterando quando começou a possuir outros cargos para além da doméstica. (Leandro, 2006) diz-nos que:

Com efeito, a família tem atravessado todas as épocas de profundas transformações políticas, económicas e sociais que, no caso das sociedades ocidentais, foram passando do predomínio das organizações estatais de poderes centralizados para sistemas mais democráticos em que se valoriza, predominantemente, a liberdade, a racionalidade, a igualdade de oportunidades e o indivíduo, ao mesmo tempo que se faz a transição da economia camponesa para a economia industrial e para a terciária, como acontece actualmente com a intensificação da urbanização das sociedades contemporâneas.

Assim, entende-se com isto que a mulher foi ganhando estatuto na sociedade, mexendo também com as leis que até então governavam o país. Como é possível observar através da tabela que apresentámos em seguida, o caminho percorrido em termos governamentais nas últimas quatro décadas foi árduo, mas rico.

Quadro 4. Leis impulsionadoras para uma sociedade igualitária em Portugal

Leis impulsionadoras para uma sociedade igualitária			
Fonte legal	O que diz a lei?	Artigo	Alínea
Constituição da República Portuguesa	Promover a igualdade entre homens e mulheres.	9	h
	Todos os trabalhadores, sem distinção de idade, sexo, raça, cidadania, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas.	59	1. Todas as alíneas

Quadro 4. (continuação) Leis impulsionadoras para uma sociedade igualitária em Portugal

Leis impulsionadoras para uma sociedade igualitária			
Fonte legal	O que diz a lei?	Artigo	Alínea
Constituição da República Portuguesa	As mulheres têm direito a especial proteção durante a gravidez e após o parto, tendo as mulheres trabalhadoras ainda direito a dispensa do trabalho por período adequado, sem perda da retribuição ou de quaisquer regalias.	68	3.
	A participação direta e ativa de homens e mulheres na vida política constitui condição e instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático, devendo a lei promover a igualdade no exercício dos direitos cívicos e políticos e a não discriminação em função do sexo no acesso a cargos políticos.	109	-
Lei de bases do sistema educativo	Assegurar a igualdade de oportunidade para ambos os sexos, nomeadamente através das práticas de coeducação e da orientação escolar e profissional, e sensibilizar, para o efeito, o conjunto dos intervenientes no processo educativo	3º	J
Código civil	Os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e à manutenção e educação dos filhos.	36º	3
Código de trabalho	Direito à igualdade no acesso a emprego e no trabalho: trabalhador ou candidato a emprego tem direito a igualdade de oportunidades e de tratamento no que se refere ao acesso ao emprego, à formação e promoção ou carreira profissionais e às condições de trabalho, não podendo ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão, nomeadamente, de ascendência, idade, sexo, orientação sexual, identidade de género (...)	24º	1

Percebe-se assim a importância que o governo tem dado à radicalização da desigualdade de género, criando leis e organizações. Entende-se também que estas leis abrangem muito mais do que os direitos e deveres humanos, institucionalizou-se que era importante abranger todas as áreas nesta luta, desenvolvendo e criando legislação na Constituição Portuguesa, no Código Civil, no Código de Trabalho e mais importante para este estudo - na Lei de Bases do Sistema Educativo – porque nos leva a uma questão pertinente sobre quem ficou responsável pela transmissão de valores aos futuros adultos de amanhã.

Entende-se que a família foi modificando a sua forma de estar na sociedade. Se antigamente, o Homem era o responsável por, a partir do exterior, trazer para casa o sustento para a família e assumia o papel de chefe de família.

Atualmente, a Mulher foi ganhando lugar diferente na sociedade, ocupando outros cargos e, por conseguinte, estas transformações resultaram numa troca de papéis onde a discussão sobre quem é responsável pela transmissão de valores se tornou central. Em perspetiva, as crianças passam mais tempo nas escolas. Contudo, o papel do ensino da “educação e valores” sempre foi atribuído aos pais, se bem que a legislação prevê que o Estado desempenhe igualmente uma função parceira e colaboradora (Decreto-Lei nº 47344 de 1966-11-25, Código Civil, Publ. no Diário da República I Série, 1966).

Colocando tudo em cima da mesa, com este novo papel da Mulher na sociedade, as crianças ingressam cada vez mais cedo nas creches, colégios e escolas sendo que o tempo que passam com os pais tornou-se escasso, revelando-se importante perceber em que pé estamos a contribuir na transmissão de valores. Para este efeito são muito importantes os estudos conduzidos por Gabriela Portugal.

O que nos leva a uma série de questões que são levantadas devido a esta nova imposição da mulher na sociedade e atendendo que todas as crianças são um espelho daquilo que veem: “Qual o papel da família e da escola na transmissão destes valores, pelo exemplo?”. Assim deixámos um pouco a História e tentamos perceber em que pé estamos atualmente para a contribuição para um mundo igual para todos.

Neste primeiro capítulo achámos primordial dividir em duas partes intituladas em Educação de valores na família, Educação de valores na escola.

Assim, pretendemos procurar diferentes opiniões sobre o tema de diferentes autores, visando os objetivos específicos deste trabalho tendo em conta os conceitos específicos sobre a igualdade de género fundamentais para o trabalho desenvolvido.

No presente estudo, procurámos saber quem é responsável pela transmissão de valores e como são estes valores transmitidos, sendo que não existe nenhuma forma correta ou única de transmitir alguma coisa, cada ser humano tem o seu jeito de agir e reagir perante determinada situação, sendo que o modelo mais comum de transmissão de valores é através do exemplo.

Neste aspeto, torna-se interessante falar sobre a teoria de modelagem de Albert Bandura que nos diz “*observar as coisas a acontecerem fornece pistas informativas cruciais para ir acompanhando o significado das declarações.*” (Melo-Dias & Silva, 2019). Ou seja, as crianças começam a modelar o seu comportamento através daquilo que observam, dando-lhes significado.

Bandura citado in (Melo-Dias & Silva, 2019):

Os seres humanos evoluíram para uma capacidade de aprender com a observação que lhes permite expandir os seus conhecimentos e habilidades de forma rápida com base na informação disponibilizada pela modelagem. Provavelmente toda a aprendizagem comportamental, cognitiva e afetiva pode ser aprendida de forma vicariante, observando o comportamento dos outros e suas consequências. (p.5)

Assim, percebesse o papel que os pais – a família, melhor dizendo - têm desde cedo e as consequências diretas que as suas atitudes, crenças sociais acabam por tomar quando são observados pelas crianças que os rodeiam.

Sejam pais, professores ou cidadãos comuns regem-se pelas atitudes que o outro tem para tomar a minha, caso concorde ou não com a mesma. (Lima, 2016) afirma que:

Seja em casa ou na escola, o educador esforça-se, ou deve fazê-lo, para revelar uma boa conduta, com o intuito de se destacar perante a criança, fazendo com que esta o tome como exemplo e siga os seus passos. Tal modelo de educação não será abordado em jeito de imposição, mas de auxílio, para que a criança seja capaz de construir a sua própria hierarquia de valores, mesmo que esta não seja linearmente semelhante à de quem o educa. (p. 7-8)

O que Ferreira de Lima nos diz neste excerto é que a criança acaba por tomar atitudes com base naquilo que já vivenciou, o que acaba por nos remeter também para a teoria de Bandura. Ou seja, se em casa uma criança vê os pais serem tratados por igual, por exemplo ambos fazem as lides domésticas, ambos contribuem para o rendimento da família, não há distinção de horários de chegada a casa dos irmãos mais velhos por

ser rapariga ou rapaz, essa criança vai garantidamente perceber que não existe diferenças comportamentais por ser menino ou por ser menina. O mesmo acontece se o exemplo for o contrário: se em casa a mãe é quem faz tudo, a criança um dia vai acabar por dizer que “arrumar e cozinhar é coisa de mulher”. Portanto, o tal modelo de educação que o autor fala é baseando-se na transmissão de valores através do exemplo.

Citando (Abrantes, 2011) que faz uma breve síntese sobre a teoria da reprodução social de Pierre Bourdieu percebemos a importância que o exemplo adquire na educação:

A proposta teórica assenta na premissa de que as relações de poder, nas sociedades humanas, contêm sempre uma dimensão de violência simbólica, ou seja, de imposição de um conjunto (arbitrário) de referentes culturais (saberes, linguagens, normas, valores, representações, etc.) dos grupos dominantes ao conjunto da sociedade, como reforço da sua posição privilegiada. (Bourdieu in Abrantes, 2011)

Compreendendo assim que a teoria da reprodução social assenta na premissa que as crianças são moldadas pelos educadores e os educadores tendem a ser moldados por referências culturais – remetendo novamente ao passado e à História – é importante que a escola tenha um papel desafiador nesta sequência de transmissão de valores.

Uma das proposições fundamentais, que organizam a primeira parte da obra de Pierre Bourdieu é:

Qualquer acção pedagógica — seja comunitária, familiar, religiosa, política, militar ou especificamente educacional — constitui uma violência simbólica. A acção pedagógica é entendida enquanto relação comunicacional particular, no sentido em que não apenas decorre no quadro de uma relação de forças desigual, mas impõe também significados que reproduzem a ordem dominante. Os autores não negam o pluralismo das acções pedagógicas, nem a possibilidade de estas se fundarem numa razão universal (o seu racionalismo é evidente em algumas passagens), mas advogam que, em última instância, são as relações de poder que atribuem sentido e conteúdo às

acções pedagógicas, legitimando-as e hierarquizando-as. (Abrantes, 2011)

Sendo, por isso, fundamental que os educadores das crianças dos nossos tempos, os pais e a escola sejam responsáveis pela transmissão de valores consistentes na sociedade hodierna – apelando a uma sociedade menos desigual e mais harmoniosa na colaboração entre os diferentes géneros, em prol de um processo educativo mais integral, em que a tolerância e o respeito pelo outro sejam um mote.

Educação da família e a sua contribuição para a igualdade de géneros

“Hoje, a família é desprezada, é maltratada, pelo que nos é pedido para reconhecermos como é belo, verdadeiro e bom formar uma família, ser família hoje; como isso é indispensável para a vida do mundo, para o futuro da humanidade”.

Papa João Paulo II em homilia do Papa Francisco, na abertura do consistório extraordinário sobre a família

Antes de começarmos a perceber qual o papel da família na transmissão de valores e, principalmente para este estudo, na contribuição do valor de tratar o outro igual a mim, independentemente do seu sexo é importante definirmos a noção de família, tendo por base as referências culturais e educativas do mundo ocidental e, no caso português – e do Noroeste de Portugal, muito em particular – a grande relevância de uma educação de matriz cristã que é transmitida no seio familiar e na comunidade envolvente. Nesse sentido, apresentamos uma leitura importante do Papa Francisco referida em (Leandro, 2006) na catequese de dia sete de outubro de 2015:

A família introduz à necessidade dos laços de fidelidade, sinceridade, confiança, cooperação, respeito; encoraja a projetar um mundo habitável e a acreditar nas relações de confiança, também em condições difíceis; ensina a honrar a palavra dada, o respeito às pessoas, a partilha dos limites pessoais e dos outros.

Assim, entendemos que tal como a sociedade e o mundo, a definição de família toma diferentes variações ao longo do tempo, principalmente nas questões de “posição” em casa, onde o pai deixou de ser apenas o único que sustenta a família e a

mãe a “educadora” que fica em casa com os filhos. Contudo, cada vez mais vivemos numa sociedade em que se procura o supérfluo, onde não se aprofundam sentimentos nem ações porque o trabalho já por si só é desgastante e o tempo que acaba por ser para passar em família, os pais não querem o desassossego:

Temos dificuldade em educar naturalmente porque as nossas convicções já não são naturais. Ganha-se na relação direta com as pessoas. Este diálogo deve ser constante entre os dois elementos essenciais da sociedade, escola e família. Como seres em relação, entramos diretamente nesta dualidade, para podermos formar adultos responsáveis e inteiros. (Costa, 2011).

Assim, com este autor evidenciámos aquilo que temos vindo a esclarecer até agora, é importante olhar para a criança como um ser humano que está em construção, vivenciando-lhe várias valências de vida, como a escola, a família, as atividades que faz extracurriculares, porque só assim podemos construir crianças íntegras e respeitadoras de uma sociedade que lhes exige sempre mais.

No presente estudo, foi importante perceber o que se passava dentro das próprias famílias, em suas casas, para perceber onde estavam vinculadas aquelas atitudes que foram demonstrados no decorrer de uma tarefa que foi o mote deste estudo. Onde procurámos saber se as crianças de hoje ainda definiam os brinquedos que usam diariamente catalogando-os por género.

Citando (Costa, 2011) que citou M. Neuenschwander *“As pessoas identificam-se não só consigo mesmas (auto-identificação), mas também com os objectos do seu meio, como o são as pessoas com as quais se relacionam, ou as convicções”* acrescentando ainda que as pessoas identificam-se não só com o que disse o autor mas também com as atitudes e exemplos que veem os seus tomar, se desde pequenos que damos brinquedos eletrónicos aos meninos e brinquedos mais relacionados com a maternidade e lides domésticas às meninas é natural que as crianças quando são levadas a trocar de posições fiquem reticentes e algumas se recusem até a fazê-lo, porque lhes incutiram que isso estava errado e havia distinção entre os brinquedos por sexo e idade.

Em suma, a Família é o primeiro alicerce na vida de uma criança – a célula básica da sociedade – e o primeiro contacto com a sociedade é através desta desde a primeira infância. Assim sendo, é importantíssimo que quando a criança ingressa na escola não exista uma separação entre estas duas instituições.

Educação e transmissão de valores na escola

Como já foi referido a transmissão de valores inicia-se na família, mas o papel da escola por todas as razões já mencionadas, é crucial. Todavia, é necessário que exista um trabalho imperativo entre estas duas partes na vida de uma criança. Utilizando as palavras de (Lima, 2016)

Algo que idilicamente é inevitável, muitas vezes tem de se tornar forçado, ou seja, se antes a família tinha o principal papel de transmitir valores e a escola apenas o fazia por acréscimo, por estar implícito em qualquer relação humana, nos dias de hoje, talvez consequentemente do excesso de trabalho dos pais, tal já não acontece, pelo que a escola se vê obrigada a intervir nesse sentido. “Quando a família socializava, a escola podia dedicar-se a ensinar. Agora que a família não cumpre plenamente o seu papel socializador, a escola não só não pode efetuar a sua tarefa específica com a eficácia do passado, como também começa a ser objeto de novas exigências para as quais não está preparada.” (Conferência Episcopal Portuguesa, p.51.)

Em (Bourdieu & Passeron, n.d.) encontramos a seguinte citação:

O trabalho pedagógico secundário (escola) depende muito do trabalho pedagógico primário, constituindo-se como uma sequência do mesmo. Os autores denunciam na escola uma espécie de “ideologia da recusa”, isto é, a escola recusa-se a aceitar que há uma pré-história, anterior a ela.

Assim apesar do professor ter o papel, na sociedade de hoje, também de educar ele não pode esquecer tudo o que a criança aprendeu até chegar a ele. Como podemos também confrontar estas afirmações em (Pimentel, 2010):

O papel de educar é iniciado pelos pais e comunidade, no entanto é necessário que a escola lhe dê continuidade. Esta não pode limitar-se à promoção do conhecimento científico, dado que esta na ausência da educação poderá assumir dimensões verdadeiramente catastróficas para a humanidade e para o mundo.

Ambos os autores defendem a importância de uma continuidade entre o trabalho dos pais até à idade escolar, mas valorizam a importância enorme que a escola exerce sobre a transmissão de valores, sendo esta uma instituição que deve cortar com a pré-história aquando a transmissão desses valores, procurando assim uma evolução da mesma.

(Lima, 2016) que citando outros autores dá a entender que o professor não se pode limitar a cumprir um currículo pré-definido, sendo que cada vez mais a escola é um sítio de aprendizagens que vão muito além do Português, Matemática e História:

Segundo Ricotta (2006) “as pessoas tornam-se modelos de transmissão de valores pelos quais pautam a vida. E, como professores, tais conceitos influirão diretamente nas escolhas e possibilidades dos alunos” (p.107). Infelizmente, atualmente é possível observar, em muitas escolas, esta ausência de educação, reinando a instrução, ou seja, a transmissão de conhecimentos obrigatórios pelo currículo nacional. O que ainda nos deixa qualquer alento é o facto de que, inevitavelmente, qualquer professor acabará sempre por educar, pois “os valores estão presentes, consciente ou inconscientemente, em toda a atividade escolar.”

Contrastando as ideias de Ferreira de Lima com Ricotta conseguimos encontrar alguns pontos em comum entre os mesmos. Contudo, Ricotta levanta uma questão importantíssima... que é o facto de como o ensino deve ser tratado, se antigamente as aulas tinham estilo de conferência atualmente essas aulas tendem a perder eficácia perante os alunos que encontramos nas salas-de-aula, sedentos de tecnologia e outras distrações novas.

O professor tem o dever de tentar acompanhar a evolução e com base na ligação família-escola formar uma dupla capaz de captar o interesse dos alunos em ouvir ou fazer com que os alunos queiram aprender mais daquilo que tem para lhes ensinar.

Com isto, procuramos saber que valores possuíam as crianças quando eram confrontadas com questões de igualdade de género. Ao longo da observação na prática de ensino supervisionado fomos percebendo algumas atitudes que as crianças tinham nas suas relações intrapessoais nomeadamente questões de *Bullying* e em situações onde acontecia desigualdade de géneros, maioritariamente em brincadeiras fora da sala de aula. Segundo (Cardona et al., 2011)

“As questões relativas ao género e cidadania fazem parte do quotidiano da vida das crianças e entram, naturalmente, na vida da escola. Muitas vezes, alegando a sua transversalidade, a abordagem desta área acaba por ser desvalorizada. Não é fácil o desenvolvimento de um trabalho educativo sustentado em torno destas questões, nomeadamente em contexto de sala de aula, pelo que tendem a ser muitas vezes ignoradas e/ou reprimidas.”

Porém, este não é o caminho certo, é necessário levar para a sala de aula questões que façam as crianças pensarem sobre si, sobre o próximo e sobre o porquê de agirem desta forma.

Como o professor tem o papel de educar para os valores e para viver em sociedade respeitando o próximo procurámos saber o que acontecia quando eram confrontados a brincar os meninos com brinquedos que denominavam de menina e vice-versa.

Jeanne Block, citado em (Cardona et al., 2011), afirma que os brinquedos começam logo a fazer uma pré-seleção daquilo que as crianças podem ou não fazer tendo em conta o seu género:

Acredita-se que os brinquedos oferecidos às meninas (conjuntos de painéis e tachos, bonecas e bonecos, eletrodomésticos em miniatura, estojos de cabeleireira, kits de maquilhagem, etc.), uma vez que têm uma finalidade habitualmente prevista, fomentam nelas uma

menor criatividade do que os brinquedos oferecidos aos rapazes (pistas de carros, legos, construções, bolas, transportes em miniatura, etc.). Os segundos, pelo facto de não terem uma utilidade tão pré-definida, tendem a ser mais fomentadores da criatividade e inclusive de uma maior ocupação do espaço circundante. Esta desigualdade na estimulação cognitiva despoletada pelos brinquedos poderá refletir-se, mais tarde, de forma diferente em ambos os sexos, em aspetos tão diversos como a capacidade de resolução de problemas, a apetência para enfrentar desafios, a autoconfiança para a exploração autónoma do espaço, etc. Jeanne Block, 1984.

Foi daqui que este estudo partiu, das atitudes que as crianças assumiram quando foram propostas a brincar com brinquedos que normalmente não usam nem lhes são oferecidos, parafraseando (Cardona et al., 2011):

Já em 1949, Simone de Beauvoir falava desta legitimação da construção de diferenças sociais com base nas diferenças sexuais, ao defender que o ser humano do sexo feminino não nasce mulher, mas sim torna-se mulher pela incorporação de modos de ser, de papéis, de posturas e de discursos condizentes com o modelo de feminilidade dominante na cultura a que pertence. O mesmo poderá dizer-se a propósito da aprendizagem do que é ser homem por parte dos seres humanos que nascem do sexo masculino, os quais tendem a ser socializados de acordo com as características distintivas da masculinidade culturalmente preponderante da sua geração.

Assim, o professor tem o papel crucial de transmitir sentimentos de pertença às crianças, permitindo-lhes e *“proporcionar-lhes tempo, espaço e incentivo para que possam parar e refletir sobre quem são, o que pensam e sentem acerca do mundo, e qual o seu papel no mesmo”* (Esteves et al., 2018, p. 6) citado em (Tavares, 2019).

Procurámos também perceber que papel possuíam cada elemento familiar durante as lides domésticas para perceber se a atitude, que cada aluno teve aquando da atividade, se refletia no exemplo reproduzido pela família em casa, onde a mulher ainda tem o papel de “dona de casa” ou se por outro lado o pai já assumia em suas casas o papel de “cuidador”. Tal como já foi dito anteriormente neste estudo, a Mulher foi

conquistando e modificando o seu papel na sociedade ao longo dos anos. Este paradigma foi revisto por (Leandro, 2006) que afirma:

As tradicionais tarefas atribuídas a cada um dos cônjuges, ao pai e à mãe, extremamente hierarquizados, pareciam solidificadas. As gerações manifestavam formas de solidariedade mais ou menos intensas entre elas. Enfim, a forma de família nuclear conjugal, preconizada pela Igreja Católica e pela burguesia do século XIX: um casamento estável, uma mãe ocupando-se da educação dos filhos, dos cuidados aos doentes e da vida doméstica, sob a autoridade do «pater familias» família, em que os interesses do grupo familiar se sobrepõem aos dos indivíduos que o formam, parecia triunfar um pouco por todo o lado.

Em suma, ainda existe um grande caminho a percorrer perceptível neste estudo. É imprescindível que a escola assuma o papel de ligação com a família para a transmissão de valores verdadeiramente importantes para a vida em sociedade para que erros do passado não voltem a ser cometidos. Nunca esquecendo que as crianças de hoje são os adultos de amanhã.

Pertinência e atualidade do tema

A professora-investigadora sentia, desde há muito tempo, por vivência e experiência direta, um interesse por este tema. A oportunidade de desenvolver o estágio num contexto pertencente ao concelho de Viana do Castelo, mas que se situa, ainda, numa zona marcadamente rural e, sociologicamente, caracterizada por vivências socioeconómicas, familiares tradicionais e conservadoras, foi uma excelente oportunidade para, por um lado, diagnosticar e analisar atitudes pré-concebidas, vivências dos quadros familiares e sociais mais alargados, mas também uma ocasião de agir e, pedagogicamente, transformar comportamentos e atitudes que tiveram sempre no cruzamento interdisciplinar, no estudo do meio social e local e na educação para a cidadania, tónicas centrais.

Esta mudança pode ser fundamentada em contexto escolar, visto que as crianças de hoje são os adultos de amanhã e é necessário mudar mentalidades já, sendo que as nossas crianças são o espelho das nossas ações. Assim sendo, foi da observação em sala de aula que o tema surgiu aquando da prática de ensino supervisionada II uma vez que

alongámos a observação e interação com os alunos para lá da mesma foi extremamente visível as atitudes de desigualdade de género e de *Bullying* que estas tomavam nas suas relações interpessoais.

Entendeu-se, então, com a professora cooperante e o professor orientador que nos acompanhou, que era imprescindível trabalhar o assunto com os alunos e procurar saber onde estava a origem destas atitudes menos positivas em relação aos outros.

Por outro lado, assumimos desde o princípio que era importante mudar atitudes – sobretudo tendo em conta as características etárias e educativas da amostra – e, por isso, assumimos uma atitude transformativa e de cidadania crítica como um dos resultados esperados deste projeto.

Num mundo em constante evolução é importante saber e avaliar como estão os valores dos nossos futuros Seres Humanos Adultos, mas quem é responsável por essas mudanças? Se recorrermos aos nossos antepassados percebemos que o mundo como era difere assombrosamente do mundo em que hoje vivemos e com isso a sociedade e os seus valores também se vão transformando.

Procedimentos Metodológicos e Faseamento

Este estudo remete-se principalmente numa pesquisa sobre as concepções que as crianças têm, atualmente, sobre a igualdade de género e de onde surgiram essas concepções. Assim, procurámos saber como reagiam quando deparadas com situações onde existe clara desigualdade de género entre mulheres e homens, permitindo o espaço para reflexão sobre essas opiniões formadas pelas mesmas.

Desta forma a opção que nos pareceu mais adequada seguir no desenho deste estudo foi um paradigma de natureza qualitativa.

Isto porque nos parece que:

“As metodologias qualitativas dão mais atenção ao significado dos fenómenos do que à sua frequência” (Albarelo et al., 1997).

No nosso caso concreto estando a desenvolver a prática de ensino supervisionada ao mesmo tempo que estávamos a trabalhar este estudo, acabámos por prosseguir um caminho paralelo que conciliou a investigação de natureza educativa e pedagógica com a ação didática e a prática profissional. Parece-nos por isso importante dizer e afirmar que a investigação-ação de natureza participativa foi também um instrumento fundamental na nossa investigação pelo facto de que conseguimos investigar e agir em simultâneo durante a prática de ensino supervisionado.

Do ponto de vista epistemológico, a nossa preparação pedagógica e didática levou-nos também a organizar o processo de ensino-aprendizagem de acordo com os princípios fundamentais do construtivismo. Em linhas gerais, acredita-se que o aluno é capaz de construir a sua aprendizagem de forma autónoma em diálogo com o docente, a turma e a comunidade educativa.

O construtivismo é uma teoria que vai de encontro ao método da aula-oficina (Barca, 2004), em ambos os casos o professor é visto como um facilitador da aprendizagem onde cria na sua sala-de-aula uma forma intuitiva dos alunos chegarem ao saber. Assim, *“uma visão construtivista da aprendizagem sugere uma abordagem do ensino que oportunize aos alunos experiências concretas, contextualmente significativas, nas quais eles possam buscar padrões, levantar suas próprias perguntas e construir seus próprios modelos,*

conceitos e estratégias.” (Fosnot, 1996). Sendo que foi exatamente isto que se pretendeu neste estudo, não só era impreterível transmitir os valores da importância da igualdade de género como era ainda importante entender as atitudes e as concepções dos alunos que tínhamos à mercê da nossa aprendizagem.

Assim como Isabel Barca afirma que *“as profundas e rápidas transformações que se têm observado no mundo atual recolocam, e de forma cada vez mais acutilante, a conceptualização da mudança em História, considerando-se esta como saber organizado para interpretação do passado, numa relação inegável com o presente e a perspetivação do futuro”*, ou seja, é imprescindível ir à vida das nossas crianças para entender o seu passado, os seus exemplos, a questão aliciante deste estudo é ir buscar essas concepções e ver onde elas estão enraizadas.

Só podemos mudar o futuro, conhecendo o passado e sabendo o presente.

Estudo de Investigação

Questões de investigação

Este estudo orientou-se por um conjunto de questões investigativas que o orientaram e possibilitaram a sua articulação com o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. São elas:

- ❖ Que percepções manifestam as crianças relativamente ao papel de rapazes e raparigas na sociedade?
- ❖ Qual a origem dessas percepções?
- ❖ Manifestou o grupo alterações relativamente às suas concepções anteriores?

Apresentação e Descrição das atividades investigativas

Nesta primeira etapa, para além de verificarmos as perspetivas do(a)s aluno(a)s sobre os papéis e estereótipos de género, através de uma avaliação inicial ou diagnóstica, também iniciámos a observação participante, a qual decorreu até ao final da intervenção educativa. Realizando também entrevistas semiestruturadas individuais de conclusão para entender a origem das conceções concebidas nos exercícios executados em sala de aula.

Seguiu-se a segunda etapa deste estudo, com a intervenção educativa propriamente dita em curso, cujos objetivos se basearam nos dados recolhidos - quando recolhida as reações à porta da sala de aula quando a professora cooperante colocou um menino com a cartolina cor de rosa e a menina cartolina azul - esse foi o mote de partida para tudo o que se seguiu.



Figura 10. Fotografia da porta da sala de aula

Assim, tentámos encontrar atividades capazes de proporcionar, no(a)s aluno(a)s, transformações ponderadas e consciencializadas, a única forma de superar os estereótipos e encaminhar a turma para a compreensão e respeito pelas diferenças, culminando todas as atividades no dia mundial da criança, explicando-lhes o que significava o dia e o porquê de ele ter sido criado.

No seguimento deste estudo utilizámos como métodos de recolha de dados trabalhos desenvolvidos pelos alunos, entrevistas semiestruturadas e registos audiovisuais.

Estruturando as seguintes atividades ao longo da prática de ensino supervisionada (podemos encontrar a planificação destas atividades nos anexos 1, 2 e 3):

- ❖ Atividade 1: Levantamento dos brinquedos pessoais e brincar com todos.
- ❖ Atividade 2: categorizar os brinquedos por “para menina”, “para menino”, “para ambos”.
- ❖ Atividade 3: “que prenda darias à tua mãe? E ao teu pai?”
- ❖ Atividade 4: Análise de algumas histórias tradicionais e perceber se existem conceções relativas à igualdade de género. Nomeadamente, o papel do homem e da mulher nas mesmas.
- ❖ Atividade 5: Apresentação do livro “Um casal qualquer” – interpretação e discussão sobre o tema do livro.
- ❖ Atividade 6: Utilizando a atividade 5, discutimos sobre outras situações onde eles consideravam que havia desigualdade de género.

Numa primeira abordagem, com a atividade 1 decidimos descobrir que conceções possuíam os alunos no uso dos brinquedos com os quais brincavam no dia-a-dia e não se importassem de emprestar aos colegas para brincarem também.

Por isso, pedimos que levassem para a sala de aula dois brinquedos com os quais mais brincavam fora da escola.

No dia da atividade, numa primeira fase, colocaram-se todos os brinquedos no centro da sala e pedimos às crianças que brincassem com aquilo que quisessem, numa segunda fase perguntou-se às crianças se existiam brinquedos de menina e brinquedos de menino, após resposta positiva, pediu-se que identificassem os brinquedos que seriam de menina e retirámos os brinquedos que eles identificaram como tal, permitindo-lhes então que todos brincassem com os brinquedos que ainda tinham na manta e tirámos as nossas conclusões.

Numa terceira fase, repetiu-se o procedimento anterior, mas desta vez identificámos os brinquedos de menino e retirámos os mesmos.

Na segunda atividade, escrevemos na seguinte tabela a divisão por género dos brinquedos diferenciada pelos alunos.

Quadro 5. Categorização dos brinquedos por género pelos alunos.

Rapariga	Rapaz	Ambos
Boneca	Nerf	Bola
Lol Surprise	Jogo do Xadrez	Caderno de desenho
Barbie	Skate	Casota do Snoopy
Cartas	Puzzle	Pikachu
Cubos mágicos	Camião do Benfica	Camião do Benfica

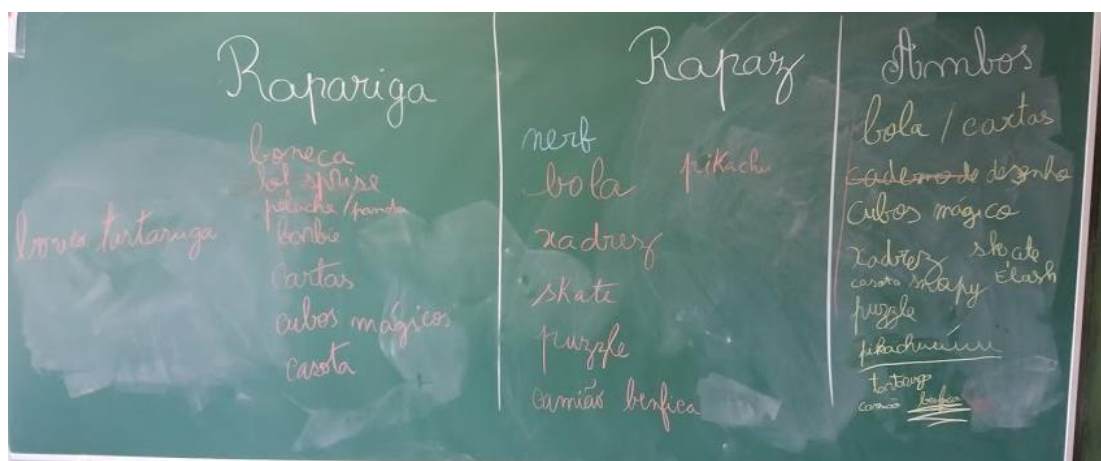


Figura 5 - Identificação e categorização das crianças sobre os brinquedos

Posteriormente, foi discutido com as crianças o porquê de elas considerarem esta tabela como verdadeira e o que é que lhes permitia identificar um brinquedo como brinquedo para menina ou brinquedo para menino, permitindo construir a terceira coluna da tabela com a questão, por exemplo, “não darias um jogo de xadrez a uma menina se fosses ao seu aniversário e soubesses que era o que ela queria?”. Isto para entender se o aluno conseguia sair do estereótipo de “brinquedo de menino” se soubesse que era esse o brinquedo que a amiga queria, e vice-versa.

Com base na tabela conseguimos identificar alguns pontos comuns entre os brinquedos que nomearam de menina como brinquedos que requerem cuidado, carinho, tratamento de proteção ligado mais ao sentimento maternal e os brinquedos de menino percebemos que são mais ligados ao desporto, ao pensamento ideológico e construtivo. Ideias estas que, tal como já foi dito anteriormente, remetem para ideias antigas, passadas de geração em geração que continuam enraizadas na nossa sociedade.

É de salientar que durante esta atividade e na etapa onde foram retirados os brinquedos de menino e dissemos para brincar com o que tinham disponível (os brinquedos de menina) houve três meninos que se remeteram a um canto da sala e um quarto que se sentou à parte a chorar porque não queria brincar com brinquedos de menina.

Retomando a atividade dos brinquedos decidimos pedir às crianças que escolhessem um presente que queriam dar à mãe e outro para dar ao pai, categorizando-os no quadro numa tabela conforme a criança ia dizendo, atividade 3. No final, chamámos a atenção das crianças para o tipo de prendas que elas próprias dariam: sendo que a mãe estaria sempre mais ligada à beleza e às tarefas/cuidar do lar e o pai ao trabalho “mais árduo”, ao descanso e ao intelectual.

Quadro 6. Identificação de presentes que as crianças dariam aos pais.

PAI	MÃE
Roupa	Roupa
Cubo mágico	Animais
Ferramentas	Joias
Pesos de ginástica	Édredon
Relógio	Massajador para pescoço
Perfume	Aspirador
Computador	Kit de maquilhagem
Carro	Flores
Cão	Manta
Telemóvel	Chocolates

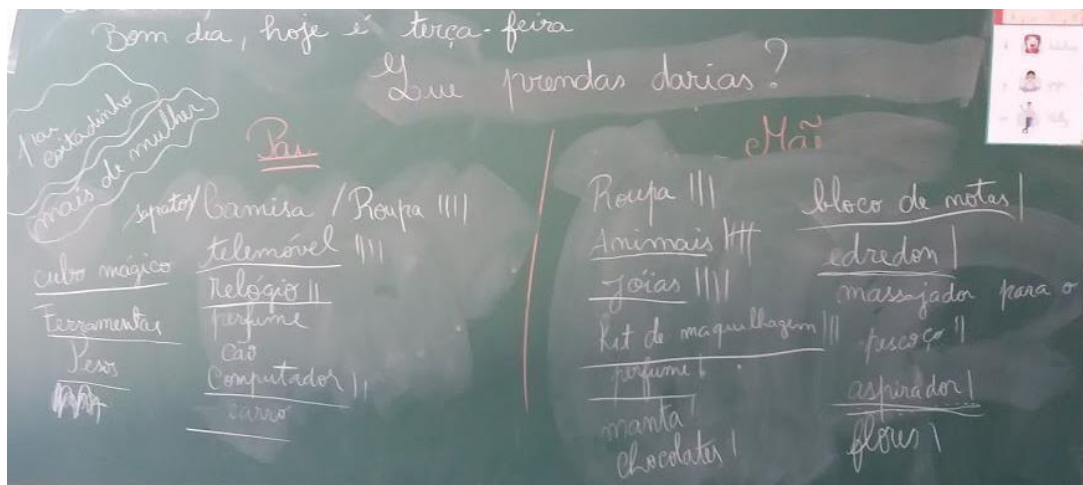


Figura 12 - Identificação e quantificação dos presentes que os alunos dariam aos pais

Resultando assim nesta tabela, onde podemos verificar que presente 20 crianças dariam à sua mãe e ao seu pai.

Numa outra atividade, atividade 4, levámos uma série de livros com histórias infantis e tradicionais, e pedimos que as crianças procurassem o papel que a mulher tinha na história e o papel do homem na mesma. Foi quase que automático que os do 4º ano perceberam que a mulher tinha quase sempre o papel de vítima e o homem o papel de herói.

Depois de levantadas todas estas conceções começou a ideia de tentar mudar a mentalidade das crianças onde foi apresentado um livro sobre não deixarem uma menina jogar futebol denominado por “um casal qualquer”, livro ilustrado pela professora cooperante. Durante a apresentação do mesmo foi pedido que as crianças comentassem porque é que a menina não podia jogar futebol, se havia meninas na turma que gostassem de o fazer e o praticassem. Fazendo um contraste com o passado e o presente, mostrando-lhes que nem sempre tinha sido visto com bons olhos o facto de as mulheres jogarem futebol. Pedindo e questionando os alunos, atividade 6, se sabiam de mais situações onde a mulher podia ter menos direitos que os homens existiram respostas interessantes como: “no salário, onde o homem recebe mais fazendo as mesmas coisas”; “na divisão de tarefas domésticas”; “nos países longe as mulheres tem de andar tapadas”.

Quadro 7. Calendarização do estudo

DATAS	FASES	PROCEDIMENTO
Fevereiro a março	Escolha do tema Escolha das opções metodológicas Elaboração das questões de investigação	Observação não participante
Abril a junho	Realização das entrevistas Implementação das atividades	Observação participante Vídeo-gravação
Junho e novembro	Análise e transcrição dos dados Elaboração do relatório final	Análise e transcrição das entrevistas.

Foi em fevereiro que se iniciou esta aventura, que convergiu no presente estudo. Estive em contexto de sala-de-aula enquanto observadora, mas rapidamente comecei a interagir com as crianças. Começámos por delinear as linhas condutoras e as questões de investigação.

Em abril até junho começou a implementação das atividades e das entrevistas conscientes da importância do tema e da possível transformação de algumas atitudes estereotipadas em função da abordagem pedagógica e didática constantemente dialógica e exploratória a que recorreremos.

De junho a novembro desenvolveu-se a escrita do presente relatório, com a análise e pesquisa de toda a documentação já existente sobre o tema e com a elaboração do presente relatório final.

Apresentação e discussão dos resultados

No início deste estudo percebemos desde logo a importância que a temática tinha na turma, devido a todas as ideias que foram verbalizadas pelas crianças aquando da decoração da porta: “a cor dos meninos é azul” (entrevista 16), “esta porta está mal decorada” (entrevista 4), “as cores estão trocadas” (entrevista 6).

Esse sentimento foi sendo consolidado ao fazer a atividade dos brinquedos em que se percebeu que as conceções dos alunos seguiam uma desigualdade de género bastante notória e evidente.

Esta desigualdade foi de tal forma sentida que existiram crianças a chorar e/ou num canto quando tiveram de brincar com brinquedos que admitiam como de menina.

A mesma atitude percebeu-se ao longo de toda a intervenção quando lhes era pedida a opinião sobre o assunto e no decorrer das atividades o sentimento das crianças manteve-se, mesmo quando tinham de oferecer presentes aos pais e às mães entendeu-se que mesmo quando afirmavam que os dois deviam dividir tarefas em casa: os edredons, os aspiradores e as mantas surgiram como prendas para a mãe, logo em crianças do século XXI ainda é normal dar estes objetos à mãe e impensável dá-los ao pai.

O que nos remete para o passado quando os homens eram encarregues de trazer o dinheiro para casa, sendo o chefe de família e a mãe a dona do lar que tinha de se preocupar em cuidar da família e dar-lhes o confronto, como podemos verificar no enquadramento teórico.

Assim como, ao longo das entrevistas, a maior parte das crianças souberam a definição de igualdade de género, inclusive os alunos do quarto ano conseguiram distinguir que esta discriminação acontecia antigamente, quando as raparigas tinham de esconder o seu corpo mostrando apenas a cara, quando não podiam sair de casa sem a autorização dos homens. Contudo, apesar de confirmarem que a situação está melhor do que aquilo que era, continua a existir discriminação de género tomando outras proporções, nomeadamente nas questões salariais, sendo este o ponto que mais foi levantado como a maior fonte de discriminação de género atualmente, pelas crianças.

É perceptível nas entrevistas que o denominador comum das respostas quando perguntámos o que é que os pais faziam em casa foi de as crianças dizerem que os pais trabalhavam os dois da mesma forma nas tarefas domésticas, mas quando interrogadas sobre se tivessem que nomear um que trabalhasse mais a resposta foi sempre “a mãe” e o pai “ajuda-a”. Nenhuma das crianças respondeu que era o pai e a mãe o ajudava.

Posteriormente, ao perguntarmos às crianças sobre se fossem possuidores de uma empresa e tivessem de contratar alguém se escolheriam homens, mulheres ou os dois a resposta foi quase unânime afirmarem que os dois porque ambos tinham direito a trabalhar, facilitando-nos desde logo a pergunta seguinte que lhes perguntaria se lhes pagariam o mesmo valor pelo mesmo trabalho e porquê.

Como esta temática foi utilizada para grande parte das respostas as sugestões para contribuírem para um mundo onde exista igualdade de género vincaram-se precisamente na resposta de que os salários teriam de ser iguais para ambos os géneros, não indo nenhuma criança para além disso. Outra questão que urge na curiosidade e lamento por não conseguir saber mais sobre isso foi quando foram questionadas sobre se já tinham ouvido alguém dizer “Não faças isso porque é coisa de menino/menina”, ou se já tinham ouvido alguém chamar Maria-rapaz a uma rapariga por estar, por exemplo, a jogar futebol, algumas crianças responderam que sim, que se lembravam de ter ouvido mas não se recordavam em que situações isso aconteceu. Possivelmente pela pressão da presença da câmara ou até mesmo por receio de existirem julgamentos morais acabaram por nunca aprofundar esse assunto, ficando assim a perceção de que falta informação nas respostas que foram dadas e este facto acontece ainda variadíssimas vezes em várias situações ao longo das entrevistas.

Passo, então, a analisar e transcrever as entrevistas individualmente, é de salientar que foram criados dois guiões de entrevista (anexos 4 e 5) para os níveis de ensino, um com questões mais simples e diretas para o 1º ano e outro com questões mais elaboradas para o 4º ano. Começámos então por analisar primeiro as entrevistas ao 1º ano, 12 entrevistas, e posteriormente as do 4º ano, 8 entrevistas. Perfazendo o total de 20 entrevistas:

Entrevista 1

Professora-investigadora: Tu achas que, hoje em dia, os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluna: Abana afirmativamente com a cabeça.

Professora-investigadora: Existem, na tua opinião, brinquedos de menina e brinquedos de menino?

Aluna: Abana afirmativamente com a cabeça.

Professora-investigadora: Quais são os brinquedos de menina?

Aluna: Boneca, Barbie.

Professora-investigadora: E de menino?

Aluna: Bolas e carro

Professora-investigadora: Tu gostas de brincar com bolas?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Então porque dizes que a bola é brinquedo de menino se brincas com ela? Não és menino, pois não?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porque achas que existe brinquedos que chamam de menino e outros de menina?

Aluna: Porque às vezes as meninas gostam de jogar a algumas coisas de menino.

Professora-investigadora: Mas então não devia haver essa distinção de brinquedos de menino e de menina, não achas?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Quando vais a um supermercado e tens uma zona de brinquedos, como é que tu dizes que este é de menino e outro é de menina?

Aluna: São diferentes.

Professora-investigadora: Em que são diferentes?

Aluna: (silêncio e suspiros) (acaba por não responder)

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens mulheres ou os dois?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Já alguma vez alguém te disse “não faças isso que isso é de menino?”

Aluna: Não.

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa de tarefas domésticas?

Aluna: (silêncio)

Professora-investigadora: O pai arruma a casa?

Aluna: responde abanando a cabeça negativamente.

Professora-investigadora: cozinha?

Aluna: responde abanando a cabeça negativamente.

Professora-investigadora: Sabes o que é a violência doméstica?

Aluna: não.

A professora explica brevemente o conceito e pergunta se sabe de algum caso assim. A aluna responde que não.

Professora-investigadora: Achas que há razões para um homem bater numa mulher ou o contrário?

Aluna: sim

Professora-investigadora: quais?

Aluna: (grande silêncio) (depois de algum esforço para obter uma resposta): Porque às vezes os homens gostam de umas coisas e as mulheres não.

Professora-investigadora: E achas que isso é razão para existir violência?

Aluna: Abana negativamente com a cabeça.

Professora-investigadora: achas que num futuro próximo os homens terão mais, menos ou os mesmos direitos sobre as mulheres?

Aluna: Mesmos.

Professora-investigadora: E o que achas que é preciso fazer para isso acontecer?

Aluna: Nada.

Professora-investigadora: Achas que vai acontecer sem fazermos nada?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: obrigada.

Esta era uma aluna com traços de personalidade muito tímidos em momentos de tensão, assim denota-se durante a entrevista que as suas respostas se baseiam em sim e não e dificilmente se conseguiu ir mais além disso, devido à timidez e falta de confiança. Contudo, consegue entender-se que tem muitos traços de respostas que se percebe que são respostas moldadas por aquilo que já ouviu dizer ou tem uma opinião formadas mas ainda não a consegue expressar devidamente como se vê na resposta “são diferentes” e o enorme silêncio que fez quando a professora-investigadora a questiona “em quê?”.

Entrevista 2

Professora-investigadora: Então, tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: porque os meninos às vezes têm mais diferenças que as meninas. Às vezes as meninas perguntam às mães “podemos jogar futebol e às vezes as mães não deixam às vezes”.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Quais são os brinquedos de menina?

Aluna: (hesitação) são dos dois. Porque toda gente brinca com tudo.

Professora-investigadora: Então, na tua opinião, não existem brinquedos de menina e brinquedos de menino?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma grande empresa contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Não sei.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: E que pensas sobre isso?

Aluna: abana os ombros.

Professora-investigadora: Porque achas que acontece?

Aluna: É muito mau e as pessoas não podem fazer coisas muito más.

Professora-investigadora: Achas que no futuro os homens terão os mesmos ou mais direitos que as mulheres?

Aluna: Os mesmos.

Professora-investigadora: Que achas que temos de fazer para que isso aconteça?

Aluna: Não sei.

Professora-investigadora: Sabes sabes, disseste que os rapazes podem jogar futebol e as mulheres não, como podemos mudar isso?

Aluna: Tentar fazer aos rapazes, fazer com que eles nos deixem jogar com eles.

Professora-investigadora: Ok obrigada.

Esta é uma aluna que revela mais desenvoltura no assunto, assim como em tudo aquilo que faz, demonstra uma maior sensibilidade para o tema embora continue sem conseguir expressar as suas opiniões, foi uma aluna que na atividade dos brinquedos se sentiu à-vontade para brincar com tudo arranjando sempre forma de brincar até mesmo com aqueles brinquedos que categorizou de menino, embora que o tenha feito conseguiu, porém brincar com os mesmos.

Na entrevista, denotou-se vergonha por estar em frente à câmara e receio de dizer alguma coisa “errada”, daí ter corrigido a sua resposta depois de ter dito que havia brinquedos de menina e brinquedos de menino.

Entrevista 3

Professora-investigadora: Tu achas que, hoje em dia, os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluno: (silêncio)

Professora-investigadora: Sabes o que são direitos?

Aluno: Não.

A professora-investigadora explica sucintamente o que é um direito, dando exemplos.

Professora-investigadora: Por exemplo, se todos quiserem jogar à bola, seja menino ou menina, têm esse direito.

Professora-investigadora: Achas que, hoje em dia, isso acontece?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Porquê? Porque achas que isso, não é assim?

Aluno: Porque as funcionárias não deixam.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque às vezes atiram a bola para o outro lado e no intervalo seguinte elas já não dão a bola.

Professora-investigadora: Tu achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluno: (silêncio) Sim.

Professora-investigadora: Quais são os brinquedos de menina?

Aluno: Bonecas, casinha de bonecas, Lol's.

Professora-investigadora: E os de menino?

Aluno: Bolas, carros, cartas...

Professora-investigadora: Porque é que a bola, por exemplo, é um brinquedo de menino?

Aluno: Pode ser para os dois.

Professora-investigadora: Mas tu disseste que era de menino. Porquê?

Aluno: (silêncio).

(O aluno ficou a pensar, mas a professora não conseguiu fazer com que respondesse).

Professora-investigadora: Quando vais ao supermercado... existe uma secção de menino e outra de menina. Como é que dizes que um é de menino e outra de menina?

Aluno: Dá para os dois.

Professora-investigadora: Sim, mas disseste que havia brinquedos para um e para outro. Como é que fazes essa diferença?

Aluno: (Silêncio). Às vezes umas coisas de menina estão juntas com os rapazes.

Professora-investigadora: ok. Já alguém te disse para não fazeres certas coisas porque era só de as meninas fazerem?

Aluno: Já.

Professora-investigadora: O quê?

Aluno: Gritar como uma menina.

Professora-investigadora: Já te disseram para não gritar, porque só as meninas é que gritam?

Aluno: Já, os meus pais dizem para não gritar que só as meninas é que gritam.

Professora-investigadora: E tu achas que isso é verdade?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma grande empresa, contratarias homens, mulheres e os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: (silêncio) Um pode fazer uma coisa e outros outras coisas.

Professora-investigadora: Há coisas que só as mulheres conseguem fazer? E outras que só os Homens?

Aluno: Não, o meu pai escava um buraco e a minha mãe também pode.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Mas sabes o que é?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluno: O meu pai agora anda a escavar um buraco.

Professora-investigadora: E tarefas domésticas, o teu pai faz?

Aluno: O meu pai às vezes mete a máquina a lavar, às vezes lava a loiça.

Professora-investigadora: E a mãe?

Aluno: Faz o comer, lava e aspira a casa, lava a loiça.

Professora-investigadora: Quem trabalha mais em casa?

Aluno: O meu pai.

Professora-investigadora: O teu pai faz tudo em casa? Lava o chão, aspira a casa, limpa o pó?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Então quem faz?

Aluno: A mãe.

Professora-investigadora: Hoje em dia, tu achas que os homens têm mais, menos ou os mesmos direitos que as mulheres?

Aluno: Os mesmos direitos.

Professora-investigadora: Achas que continuará assim?

Aluno: Não, outros brincam com coisas de menina e outras com coisas de menino.

Professora-investigadora: Achas que vai continuar a haver essa distinção?

Aluno: Não, as meninas também podem brincar com as coisas de menino.

Professora-investigadora: Obrigada.

O aluno da presente entrevista é um aluno bastante tímido e tem muito receio de responder às questões, mesmo nas aulas, assim denota-se essa timidez durante a entrevista quando se remetia ao silêncio invés de dar a sua opinião. Contudo, revela já a discriminação de género quando diz que o pai faz tudo em casa mas quando perguntamos quem trabalhava mais em casa ele responde o pai e quando voltámos a perguntar quem fazia mais tarefas domésticas ele responde a mãe ou até mesmo quando responde “o pai fez o buraco mas a mãe também PODE”, demonstrando que na sua opinião o pai é mais capaz que a mãe e demonstrando aqui muito bem a teoria de modelagem de Bandura quando afirma que repetimos aquilo que observámos.

Entrevista 4

Professora-investigadora: Tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos, hoje em dia?

Aluno: (depois de uma breve pausa) Sim.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Já alguém te disse não faças isso que isso é de menina?

Aluno: Não

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa, contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porque?

Aluno: Porque... (pausa)... para trabalharem em várias coisas.

Professora-investigadora: Achas que existem coisas que só os homens fazem e outras que só as mulheres fazem?

Aluno: Os homens para carregar e as mulheres para conduzirem.

Professora-investigadora: As mulheres não podem carregar coisas?

Aluno: Os homens são mais fortes.

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluno: (grande silêncio).

Professora-investigadora: Faz alguma coisa?

Aluno: Sim, aspira a casa.

Professora-investigadora: Só?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: E a mãe?

Aluno: Faz o resto.

Professora-investigadora: Sabes o que é violência doméstica?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Em tua casa não há disso, pois não?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Achas que daqui a uns anos, o homem terá os mesmos direitos, mais ou menos, que as mulheres?

Aluno: Menos.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: (grande pausa de silêncio)

O aluno acaba por não responder. Denotando muito nervosismo.

Professora-investigadora: Sabes o que são direitos?

Aluno: Sim. Eu acho que daqui a uns anos vamos todos poder brincar com o que quisermos.

O aluno desta entrevista apesar de ser visível traços de alguma discriminação - melhor dizendo e para sermos mais corretos, distinção - quando afirma que o homem serve para carregar coisas e a mulher não, é um aluno que como profissão futura diz querer ser empregado doméstico e na atividade dos brinquedos foi um aluno que não teve qualquer comportamento discriminatório quando foi tirado os brinquedos de menino para brincar com os de menina, não demonstrou uma atitude negativa. Contudo, na atividade 1 e na atividade 2 aquando a distinção dos brinquedos para menino e menina era dos primeiros a responder.

Professora-investigadora: Tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Porquê? Quem achas que tem mais direitos, então? As meninas e os meninos?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Oh então, quem tem mais direitos?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Quais são os brinquedos de menina?

Aluno: Bonecas, princesas, barbies...

Professora-investigadora: e de menino?

Aluno: Bola, carros...

Professora-investigadora: Porque dizes que uns são de menino e outras de menina?

Aluno: Porque são do sexo feminino?

Professora-investigadora: Porque é que tu olhas para um brinquedo de menina e dizes assim: “isto é de menina ou isto é de menino”. Porquê?

Aluno: (silêncio, encolhe os ombros). Porque as meninas usam.

Professora-investigadora: Por exemplo, tu não gostas de brincar com bonecas?

Aluno: Brinco, às vezes.

Professora-investigadora: então, não é brinquedo de menina, não é? Ou tu és menina?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Já alguém te disse “não faças isso que isso é coisas de menina”?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma grande empresa contratarias meninos, meninas, ou os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque ajudam. E assim tinha mais ajudantes.

Professora-investigadora: Pagavas o mesmo aos dois?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: O que é que o pai faz em casa de tarefas domésticas?

Aluno: Arranja coisas. (Breve silêncio).

Professora-investigadora: Ele cozinha?

Aluno: às vezes quando são dias de folga, ele cozinha.

Professora-investigadora: E que faz a mãe?

Aluno: A mãe dá-me de comer, quando as coisas estão quentes eu peço à mãe para bufar.

Professora-investigadora: Já ouviste falar de violência doméstica?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Sabes o que é? Já falamos na sala. É quando em casa há um pai ou uma mãe que são mais agressivos um para o outro.

Aluno: às vezes o meu pai e a minha mãe ficam a discutir.

Professora-investigadora: Mas só discutem?

Aluno: Sim, eu nunca vi eles a baterem.

Professora-investigadora: E porque discutem um com o outro?

Aluno: Porque estão zangados. O pai está sempre a zangar com a mãe, porque o pai é malandro. Faz piadas e a mãe não gosta e diz que não tem piada.

Professora-investigadora: Achas que num futuro os pais têm os mesmos, mais ou menos direitos que as mulheres?

Aluno: Os mesmos.

Nesta entrevista é de salientar o facto do aluno referir que no primeiro ano de escolaridade ainda é a mãe que lhe sopra a comida quando ela está quente e lhe a dá, não conferindo à mãe outros afazeres domésticos o que demonstra uma dependência enorme ainda da mãe. Contudo, na entrevista e nas atividades foi um aluno que maioritariamente do tempo disponibilizado para brincar com “brinquedos de menina” acabou por não pegar em nada, embora que na entrevista tenha dito que brincava com bonecas às vezes, o que se denota uma ambiguidade sobre aquilo que pensa em relação ao assunto.

Entrevista 6

Professora-investigadora: Então, tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos, hoje em dia?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e de menina?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Quais são os de menina?

Aluna: Unicórnio, (silêncio), um brinquedo que é uma fada, uma borboleta.

Professora-investigadora: E de menino?

Aluna: Bolas e boneco de star wars.

Professora-investigadora: Só?

Aluna: e também... um... (silêncio)

Professora-investigadora: Porque achas que uns são de menina e outros de menino?

Aluna: Porque as meninas gostam e os rapazes não. E o contrário.

Professora-investigadora: Porquê? Pelas cores? (coloquei esta questão porque sei que a aluna em questão faz muita distinção pelas cores)

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Então, se eu pintasse um unicórnio de azul os meninos já gostavam?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Já sentiste diferenças por ser menina, já alguém disse não faças isso que é só os meninos que fazem.

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma grande empresa, contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Pagavas o mesmo aos dois?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Então pagavas mais a quem?

Aluna: à mãe.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Silêncio. Não sei. Silêncio.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Sim, na sala.

Professora-investigadora: E que pensas sobre isso?

Aluna: (Silêncio) Não sei.

(A professora-investigadora tenta que a aluna responda, sem sucesso.)

Professora-investigadora: Achas que é possível um mundo onde existam os mesmos direitos? Os homens e as mulheres possam fazer as mesmas coisas?

Aluna: Não. Porque os homens fazem umas coisas e as mulheres outras. Porque a minha mãe manda sempre o meu pai fazer umas coisas e ele diz que é para as mulheres.

Esta é uma aluna que se denota muito que faz distinção de menino e menina pelas cores, dizendo muitas vezes que o preto, azul e cinzento são cores de menino e o rosa, vermelho e laranja de menina. Quando em contexto informal foi questionada sobre esta questão afirmou que os meninos e os brinquedos que gostavam tinham mais essas cores. Demonstrando aqui um aspeto importante que ficou aquém de ser investigado como uma demonstração de igualdade de género porque não pensámos nesse ponto de vista. Assim como é predominante esta distinção apoiada, mais uma vez pela teoria de reprodução social de Bandura, quando a aluna diz que a mãe manda o pai fazer coisas e ele não faz e por isso não acredita num mundo onde as mulheres e os homens possam ter os mesmos direitos. Contudo, foi uma aluna que no fim da prática supervisionada quando a professora cooperante os provocou ao colocar as cartolas de finalistas azuis para os meninos e rosa para as meninas chamam a professora à atenção.

Entrevista 7

Professora-investigadora: Achas que, hoje em dia, os meninos têm os mesmos, mais ou menos direitos que as meninas?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina?

Aluno: Não (risos).

A professora-investigadora conhecendo o aluno e com um conhecimento prévio da experiência dos brinquedos e da atitude do aluno em questão pede sinceridade ao aluno.

Professora-investigadora: Tu brincarias com uma boneca?

Aluno: (risos) Não.

Professora-investigadora: E porque não brincarias com uma boneca?

Aluno: Porque é um bocado de menina.

Professora-investigadora: Afinal... achas que há brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: E quais são os brinquedos de menino?

Aluno: Bola, raquetes e... e... carros

Professora-investigadora: e de menina?

Aluno: bonecas e castelos... de brincar... Lol's. (risos)

Professora-investigadora: Já alguma vez te disseram não faças isso que isso só as meninas é que fazem?

Aluno: Nunca experimentei fazer.

Professora-investigadora: Não me entendeste. Já alguém te disse para não fazeres certas coisas porque eram coisas de menina?

Aluno: (hesitação) Não.

Professora-investigadora: Senti alguma hesitação... podes dizer-me.

Aluno: (risos) Sim.

Professora-investigadora: O quê? O que é que já quiseste fazer e não te deixaram porque disseram que era de menina?

Aluno: Jogar... às bonecas.

Professora-investigadora: E quem não deixou?

Aluno: O D**** (um colega da turma).

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratavas homens, mulheres ou os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque as mulheres têm os mesmos direitos.

Professora-investigadora: Pagavas o mesmo aos dois?

Aluno: Sim

Professora-investigadora: O que é que o pai faz em casa, quando está em casa? (o aluno tem o pai imigrado e está separado da mãe)

Aluno: cozinha, lava a loiça.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluno: Violência doméstica?! Sim.

Professora-investigadora: E o que é que tu pensas sobre isso?

Aluno: (silêncio).

Professora-investigadora: Porque achas que acontece?

Aluno: (silêncio) por causa... (silêncio) dos homens que são maus.

Professora-investigadora: E porque achas que os homens fazem isso às mulheres?

Aluno: Porque os homens dizem para fazer uma coisa e as mulheres não fazem essa coisa.

Professora-investigadora: e achas que é razão para os homens baterem nas mulheres?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Achas que num futuro os homens terão os mesmos, mais ou menos direitos que as mulheres?

Aluno: Os mesmos.

Professora-investigadora: E que atitudes podemos ter para que isso aconteça?

Aluno: Temos que portar-nos todos bem... (silêncio)

Professora-investigadora: Tu achas que haverá um dia em que não hajam brinquedos de menino e de menina?

Aluno: Mais o menos.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque não gosto de bonecas.

Professora-investigadora: Obrigada.

Esta entrevista vai muito de encontro à atitude tomada pelo aluno quando foi confrontado a brincar com brinquedos de menina, sendo que se colocou a um canto a chorar porque não o queria fazer (sendo que, nunca, ninguém obrigou a brincar, apenas fomos disponibilizando uns brinquedos e retirando outros).

Percebemos que estas atitudes são tomadas porque existiu violência doméstica antes da separação dos pais e, por isso, demonstra alguma agressividade e atitudes controversas. Sendo que foi um aluno onde a intervenção por parte da professora-investigadora não surtiram qualquer efeito, tomando sempre atitudes que demonstravam a sua posição firme.

Entrevista 8

Professora-investigadora: Então, achas que os meninos têm os mesmos direitos que as meninas?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: E quais são os de menino?

Aluna: Bolas e também aviões, autocarros e...e... carros.

Professora-investigadora: E de menina?

Aluna: Sereias, bonecas e... (silêncio)

Professora-investigadora: E porque achas que esses são de menina e os outros de menino?

Aluna: Porque são... porque nunca brinquei... eu no ATL brinco com carros, mas não gosto muito.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque posso estragar e não quero estragar.

Professora-investigadora: E as bonecas não podes estragar também?

Aluna: Sim, mas não quero estragá-los mais.

Professora-investigadora: Já sentiste que deixaste de fazer alguma coisa por ser de menina?

Aluna: Sim... quando estou a pegar em alguma coisa de menino, eles dizem que é de menino.

Professora-investigadora: Quem é que diz?

Aluna: Não sei, mas alguém pode dizer.

Professora-investigadora: Mas alguém já te disse?

Aluna: (encolhe os ombros). Sim...

Professora-investigadora: Quem?

Aluna: eu não sei...

Professora-investigadora: Mas estás a dizer que alguém disse.

Aluna: Sim, mas já foi há muito tempo.

Professora-investigadora: Se tivesses uma grande empresa e tivesses de contratar alguém para trabalhar contigo, contratarias meninos, meninas ou os dois?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque todos podem brincar com os mesmos brinquedos.

Professora-investigadora: Não, quando fores maior. Já adulta, para trabalhar contigo.

Aluna: (fica pensativa)... mulheres.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Não. Homens

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque o meu pai trabalha muito.

Professora-investigadora: e a mãe não?

Aluna: Sim, eu gosto de os ver trabalhar quando posso.

Professora-investigadora: Que faz o teu pai em casa?

Aluna: aspira, lava a loiça e também faz as camas.

Professora-investigadora: E a mãe?

Aluna: arruma a mesa, limpa o pó e também limpa as paredes do meu gato.

Professora-investigadora: E se eu te perguntasse, quem trabalha mais em casa, a mãe ou o pai?

Aluna: a mãe.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Não.

A professora-investigadora faz uma breve explicação sobre o assunto.

Aluna: a aluna diz que nunca ouviu falar disso.

Professora-investigadora: Achas que num futuro as mulheres e os homens podem ter os mesmos direitos?

Aluna: Sim, se trabalhar muito e escrever muito.

Professora-investigadora: Obrigada.

Esta aluna é uma criança que se dispersa muito nos assuntos acabando por nunca responder totalmente à questão, entrou com cinco anos para a escola e nota-se ainda muita imaturidade por parte da mesma em variadíssimos assuntos. Contudo, sabendo o historial familiar e tendo algumas conversas informais com a aluna no dia-a-dia percebesse que aquele “alguém pode dizer” se referia aos irmãos mais velhos que também se pressupõe que venham daí os comentários quando diz que “não os quer estragar” referindo-se aos brinquedos de menino, como os carros, apesar de gostar de brincar com eles, fazendo-o no ATL.

Entrevista 9

Professora-investigadora: Então, achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos, hoje em dia?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e de menina?

Aluna: (hesitação) sim

Professora-investigadora: quais são os de menina?

Aluna: Bebés, barbies, coelhinho rosa...

Professora-investigadora: e porque achas que são de menina?

Aluna: Porque tem mais a ver com menina.

Professora-investigadora: Porque dizes isso?

Aluna: Porque a minha irmã disse.

Professora-investigadora: E tu não podes brincar com carros, por exemplo?

Aluna: Posso.

Professora-investigadora: e os meninos não podem brincar com bonecas?

Aluna: Podem

Professora-investigadora: Já sentiste que deixaste de fazer alguma coisa por ser menina?

Aluna: não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias meninos, meninas ou os dois?

Aluna: os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque assim posso conhecê-los. E... assim trabalhámos juntos.

Professora-investigadora: Pagarias o mesmo aos dois?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluna: (pensativa) trabalha pouco... e depois de trabalhar vai para a cama dormir.

Professora-investigadora: então, não ajuda a mãe?

Aluna: Não, porque há meia noite ele vai trabalhar.

Professora-investigadora: Achas que no futuro os homens e as mulheres terão os mesmos direitos?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: E que achas que é preciso fazer para isso acontecer?

Aluna: Eu tenho um amigo Duarte e ele também tem coisas de rapariga e brinca com elas todos os dias.

Professora-investigadora: Obrigada.

Nesta entrevista apesar de ser uma aluna que não desenvolve muito as suas respostas consegue-se entender duas coisas distintas: a importância dos exemplos próximos e a observação – e neste caso, audição – direta, moldam as suas atitudes quando diz que a “irmã disse”, porém foi uma das crianças que não se sentiu menosprezada nem sentida quando os brinquedos de menina foram retirados e dos meninos não, arranjando logo outras brincadeiras. Portanto, verificasse que há ali atitudes que podem e foram mudadas, visto que foi uma das alunas que chamou a atenção à professora no final do ano quando as meninas tiveram cartolas rosa.

Entrevista 10

Professora-investigadora: Tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos, hoje em dia?

Aluna: (silêncio) Não...

Professora-investigadora: Quem achas que não pode fazer o quê?

Aluna: (silêncio...)

Professora tenta pôr a aluna à vontade, sabendo que é uma aluna bastante tímida. Mas sem sucesso.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menina e brinquedos de menino?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: Quais são os de menina?

Aluna: Barbies, bonecas.

Professora-investigadora: e de menino?

Aluna: ursos (silêncio...)

Professora-investigadora: O que é que é para ti um brinquedo de menino?

Aluna: (silêncio... denota-se muito nervosismo)

Professora-investigadora: Uma bola, por exemplo, é de menino ou menina?

Aluna: os dois.

Professora-investigadora: Um carro?

Aluna: menino.

Professora-investigadora: aqueles conjuntos de cozinha?

Aluna: menina.

Professora-investigadora: um conjunto de ferramentas?

Aluna: menino.

Professora-investigadora: Já sentiste diferenças por ser menina? Já alguém te disse não faças isso porque é coisa de rapaz?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Já sentiste que deixaste de fazer coisas por ser menina?

Aluna: Sim, deixar de brincar com os amigos.

Professora-investigadora: a sério? Conta-me o que aconteceu?

Aluna: (silêncio)

Professora-investigadora: Se estivesses a contratar para uma empresa tua, em adulta, contratarias meninos meninas ou os dois?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: (silêncio).

Professora-investigadora: porque contratarias os dois?

Aluna: (silêncio) porque os dois fazem as mesmas coisas

Professora-investigadora: já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Nunca ouviste nas notícias por exemplo que um homem ou uma mulher bateu no seu companheiro?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: E porque achas que isso acontece?

Aluna: porque estão zangados.

Professora-investigadora: Achas possível um mundo onde tenhamos todos os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Não achas possível que homens e mulheres possam fazer as mesmas coisas.

Aluna: Sim.

Esta aluna é uma aluna bastante tímida, talvez a mais tímida da sala, que nunca se ouve, nunca responde alto à professora, sendo preciso quase estar ao lado dela para

a ouvir, demonstrando assim uma grande falta de à-vontade para falar sobre assuntos que não lhe são confortáveis. Assim, entende-se que a entrevista tenha sido ainda mais diferente do que a dos restantes colegas. Contudo, é evidente que também é influenciada por aquilo que observa categorizando os brinquedos como menino e menina, mas que na altura de escolher alguém para trabalhar com ela já não faz distinção de género.

Entrevista 11

Professora-investigadora: O que entendes por igualdade de géneros?

A aluna dá a entender que não sabe o que é e a professora-investigadora explica.

Professora-investigadora: Achas que há brinquedos de meninos e de meninas?

Aluna: Sim, há dos dois.

Professora-investigadora: Mas achas que os meninos não podem brincar com os brinquedos das meninas e as meninas com os brinquedos dos meninos?

Aluna: Podem. Mas as meninas gostam mais de bonecas e os dos meninos são tipo... pistolas.

Professora-investigadora: Na tua opinião, achas que hoje em dia todos têm os mesmos direitos?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Se for um homem e uma mulher a uma entrevista de emprego, quem achas que fica mais rápido?

Aluna: O homem.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque os homens são mais rápidos que as mulheres. Há mulheres que também são rápidas, mas os homens são mais.

Professora-investigadora: Já assististe alguma situação onde o homem ou a mulher foram beneficiados por ser homem ou mulher?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisas por ser menina?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Sabes o que é violência doméstica?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: O que é?

Aluna: Ai, já me esqueci...

A Professora-investigadora explica o conceito brevemente.

Aluna: Os meus pais já discutiram.

Professora-investigadora: mas nunca se agrediram, pois não?

Aluna: não.

Professora-investigadora: Se fosses dona de uma empresa, contratarias homens, mulheres ou ambos?

Aluna: Os dois. Porque assim trabalhava com mais gente e assim não precisava de estar sozinha só com homens ou só com mulheres.

Professora-investigadora: Tens alguma sugestão para que todos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Não sei.

Professora-investigadora: O que o teu pai faz em casa?

Aluna: O meu pai fica o dia todo em casa no computador.

Professora-investigadora: E as tarefas domésticas quem faz?

Aluna: Às vezes é o pai, outras a mãe.

Professora-investigadora: Quem faz mais?

Aluna: A mãe

Professora-investigadora: Achas possível um mundo onde todos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Não sei

Professora-investigadora: Obrigada

Esta foi a entrevista mais complicada de transcrever porque se denota bastante o nervosismo da aluna e nunca é concreta na sua resposta, andando muitas vezes às voltas. Acabando por raramente responder aquilo que se percebia, foi também nesta entrevista que percebemos que as perguntas tinham de ser simplificadas para o primeiro ano. Contudo, é uma aluna que não teve reações de discriminação na atividade dos bonecos e na entrevista apesar do seu visível nervosismo e voltas ao responder percebe-se que distingue brinquedos para menino e brinquedos para menina.

Entrevista 12

Professora-investigadora: Achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Os meninos antigamente podiam sair, mas as meninas não, só podiam sair com os rapazes antigamente.

Professora-investigadora: Achas que isso ainda acontece?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e de menina?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: Quais são os brinquedos de menina?

Aluna: Bonecas, Lol's, peluches... ai não peluches não.

Professora-investigadora: Peluches não? Porquê?

Aluna: Porque é dos dois.

Professora-investigadora: e bolas?

Aluna: dos dois, porque há meninas que gostam de jogar futebol.

Professora-investigadora: Já alguém te disse que não podias fazer alguma coisa por seres menina?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias meninos ou meninas?

Aluna: Os dois. Porque trabalham os dois bem.

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluna: O meu pai? Faz sopa e quando a minha mãe está num sítio também faz comida.

Professora-investigadora: e a mãe?

Aluna: Limpa com a esfregona e faz o jantar porque o meu pai está a trabalhar em França.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Achas que daqui a uns anos os homens terão mais, menos ou os mesmos direitos que as mulheres?

Aluna: os mesmos

Professora-investigadora: Obrigada.

Esta é uma aluna bastante desenvolvida para a idade que tem, tem um irmão rapaz que faz parte da mesma turma, do 4º ano, e outro mais velho. O que lhe possibilita, supomos nós, que pelo exemplo de brinquedos que tem em casa para ela e para os irmãos categoriza bem os brinquedos como para menina ou para menino, mas foi das poucas crianças que identificou o peluche como dos dois. O que já demonstra alguma intenção de não categorização dos mesmos pelas duas categorias. Contudo, foi uma entrevista que ficou aquém daquilo que podia ser por nossa inexperiência nestas situações.

Entrevista 13

(aqui começam as entrevistas do 4º ano)

Professora-investigadora: O que tu entendes por igualdade de géneros? Sabes o que é?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Igualdade de géneros é as meninas e os meninos terem os mesmos direitos. Tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?

Aluna: (Abana a cabeça de forma afirmativa).

Professora-investigadora: Achas? Então por exemplo, lá em casa quem trabalha mais o teu pai ou a tua mãe?

Aluna: Eles trabalham os dois juntos.

Professora-investigadora: É? Lá em casa trabalham os dois? E tu achas que é assim em todas as casas?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Então, quem é que achas que trabalha mais nas outras casas?

Aluna: A mãe.

Professora-investigadora: Achas que no passado também era assim, as mulheres trabalhavam mais em casa?

Aluna: Não, acho que não, no passado trabalhavam os dois juntos.

Professora-investigadora: Achas?

Aluna: (abana a cabeça de forma afirmativa).

Professora-investigadora: Já assististe a uma situação em que o homem ou a mulher foram beneficiados por serem homens ou mulheres? Sabes o que é beneficiado?

Aluna: (abana a cabeça de forma negativa)

Professora-investigadora: : Que teve mais oportunidades que a mulher.

Aluna: (abana a cabeça de forma afirmativa)

Professora-investigadora: Em que situação já viste isso?

Aluna: Quando os homens recebem mais que as mulheres.

Professora-investigadora: Nos dias de hoje, não é?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisa por seres menina?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: O quê?

Aluna: Quando estou a jogar futebol, muitas pessoas dizem que o futebol é só para rapazes.

Professora-investigadora: E é só isso, não tens mais nenhuma situação?

Aluna: (abana a cabeça de forma negativa)

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluna: Ajuda a minha mãe arrumar a mesa e limpa o chão.

Professora-investigadora: Porque é que tu dizes que o teu pai ajuda a tua mãe e não que a tua mãe ajuda o teu pai?

Aluna: Porque a minha mãe é que, normalmente, está mais tempo em casa.

Professora-investigadora: Ok. Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: O que tu pensas sobre isso? Achas que é mais praticado de homens para as mulheres, ou de mulheres para os homens?

Aluna: De homens para mulheres.

Professora-investigadora: E o que achas sobre isso?

Aluna: Que isso é muito mau.

Professora-investigadora: E o que achas que acontece para o homem bater à mulher ou para a mulher bater no homem?

Aluna: Eles magoam-se.

Professora-investigadora: Mas porque é que achas que acontece?

Aluna: Porque eles não se entendem

Professora-investigadora: Se fosses dona de uma empresa contratarias homens e mulheres, porquê?

Aluna: Porque as mulheres e os homens têm os mesmos direitos.

Professora-investigadora: E achas que tanto o homem como a mulher sabem fazer tudo?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: Que sugestões davas para que todos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Não sei

Professora-investigadora: Achas que é possível todos termos os mesmos direitos?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: Obrigada

Esta foi uma daquelas entrevistas que se percebeu que a aluna estava a responder por responder, visto que é das alunas mais opinativas que a turma tinha. Contudo, a sua timidez deixou-a muito aquém daquilo que disse.

No entanto, entende-se que é uma aluna que se encontra dentro do assunto visto que evidencia os homens receberem mais do que as mulheres nos dias de hoje, embora se contradiga quando afirma que os homens e as mulheres tem os mesmos direitos mas indica que lhe dizem que o futebol é para os rapazes quando pratica a modalidade. O que se nota aqui uma discrepância entre aquilo que é ouvido/aprendido com aquilo que é vivenciado e opinião pessoal.

Entrevista 14

Professora-investigadora: O que entendes ou sabes sobre a igualdade de géneros?

Aluno: Talvez de coisas de rapazes e de raparigas. O que faz o género.

Professora-investigadora: Então o que é para ti igualdade de género?

Aluno: Por exemplo, imagine um brinquedo, esse brinquedo tanto dá para rapaz como para rapariga.

Professora-investigadora: Na tua opinião, achas que todos temos os mesmos direitos?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque as mulheres não podem fazer certos trabalhos que os homens podem.

Professora-investigadora: Pensas que sempre foi assim ao longo dos anos? Ou agora está melhor ou pior?

Aluno: Agora está um bocado melhor.

Professora-investigadora: Já assististe em alguma situação onde o homem ou a mulher foi beneficiado?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisa porque és menino?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: O quê?

Aluno: A espargata.

Professora-investigadora: Achas que não podes fazer a espargata porque és menino?

Aluno: Talvez.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque as raparigas têm mais flexibilidade.

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluno: Cozinha, arruma a cozinha e às vezes ajuda-me com os trabalhos de casa.

Professora-investigadora: E a tua mãe?

Aluno: Quando o meu pai não está, ela faz as mesmas coisas que ele.

Professora-investigadora: E quem faz mais coisas em tua casa, o teu pai ou a tua mãe?

Aluno: O meu pai.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluno: Já.

Professora-investigadora: O que pensas sobre o assunto? Porque é que achas que acontece?

Aluno: Não sei.

Professora-investigadora: Achas que acontece mais em homens bater nas mulheres, ou mulheres a bater em homens?

Aluno: Homens a bater nas mulheres.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Não sei

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens e mulheres?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque tanto a mulher como o homem têm o direito de puder trabalhar.

Professora-investigadora: Pagavas o mesmo a todos?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Que sugestões davas para todos termos os mesmos direitos?

Aluno: Que todos temos o direito de trabalhar em todos os trabalhos.

Professora-investigadora: Achas possível um mundo onde todos tenham os mesmos direitos?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Obrigada.

Este é um aluno que adora história e saber mais sobre diversos assuntos. O que é visível quando afirma que as mulheres não fazem os mesmos trabalhos que os homens, mas percebe-se que não percebe a diferença entre direito e fisionomia, quando afirma que os meninos não conseguem fazer a espargata porque as meninas têm mais flexibilidade. Ou seja, toma como adquirido que as meninas não treinam ou treinam mais vezes e por isso é que a consegue fazer. Admite que isso é um “bem adquirido” por ser rapariga.

Este aluno na entrevista fica-se com a sensação de que o modelo-exemplo, pensando que as nossas atitudes se moldam em casa, é excelente quando afirma que o pai é quem faz mais coisas em casa. Todavia, foi um aluno que na altura de brincar com os brinquedos categorizados como para menina e noutras atividades demonstrou grande aptidão para separar os géneros. O que pode explicar esta atitude é a sua convivência em escola com um colega que categoriza e toma atitudes imperativas na prevalência destas distinções (sendo, por exemplo, o aluno que mais se manifestou em relação à porta e na cor dos bonecos na mesma).

Entrevista 15

Professora-investigadora: O que entendes por igualdade de géneros?

Aluna: Somos todos iguais

Professora-investigadora: Na tua opinião, achas que hoje em dia temos todos os mesmos direitos?

Aluna: (silêncio) Acho que não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque existe o dia da mulher por alguma razão.

Professora-investigadora: Pensas que sempre foi assim ao longo dos anos?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: Achas que está melhor ou pior agora?

Aluna: Melhor.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque existe o dia da mulher, para ela ter os seus direitos.

Professora-investigadora: Ou seja, as mulheres tiveram que lutar pelos seus direitos?

Aluna: (abana a cabeça de forma afirmativa)

Professora-investigadora: já assististe alguma situação em que o homem foi favorecido por ser homem ou a mulher por ser mulher?

Aluna: Não assisti, mas já ouvi.

Professora-investigadora: Quais?

Aluna: Que antes o homem recebia mais que a mulher.

Professora-investigadora: E tu achas que isso já não acontece?

Aluna: Acho que já não.

Professora-investigadora: Já sentiste não poder fazer alguma coisa por seres menina?

Aluna: Acho que não.

Professora-investigadora: O que o teu pai faz em casa?

Aluna: O que a minha mãe também faz.

Professora-investigadora: Fazem o mesmo?

Aluna: Cada um faz a sua coisa.

Professora-investigadora: Quem cozinha mais lá em casa?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: E quem limpa o fogão?

Aluna: A mãe

Professora-investigadora: E quem limpa o chão?

Aluna: Às vezes o pai, outras vezes a mãe.

Professora-investigadora: E quem põe a mesa?

Aluna: Umas vezes sou eu e a minha irmã, outras vezes são os meus pais.

Professora-investigadora: Quem lava a loiça?

Aluna: A minha mãe.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Sim

Professora-investigadora: E o que achas sobre isso?

Aluna: Que é muito mau

Professora-investigadora: Achas que acontece mais de homens para mulheres ou de mulheres para homens?

Aluna: De homens para mulheres?

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque os homens são maus.

Professora-investigadora: Também há mulheres más, não há?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Se fosses dona de uma empresa, contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluna: Ambos.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque ambos têm os mesmos direitos.

Professora-investigadora: Que sugestões dadas para que ambos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Não sei

Professora-investigadora: Achas que é possível um mundo onde todos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque vai chegar a um caos.

Professora-investigadora: Porque é que vai chegar a um caos?

Aluna: Porque se as mulheres, não tiverem os mesmos direitos que os homens, vão estar sempre a queixar-se

Professora-investigadora: Então, é possível um mundo em que ambos tenham os mesmos direitos

Aluna: Sim, é possível.

Professora-investigadora: Obrigada.

Nesta entrevista é possível entender que a aluna tem breves noções daquilo que são direitos e sobre o dia da mulher, referindo-o por duas vezes para justificar a sua resposta. Contudo, é uma aluna que se fica por responder monossilabicamente não desenvolvendo muitas das suas respostas, o que torna difícil entender qual é realmente a sua posição quanto ao tema trabalhado. Sendo que dá a entender que sabe muita teoria, mas na prática fica muito à deriva, sendo que na atividade dos brinquedos quando tinha os brinquedos dos rapazes pouco ou nada brincou com os mesmos, o que já dá a entender que há alguma posição prática divergente daquilo que diz.

Professora-investigadora: O que entendes por igualdade de géneros?

Aluno: Que as raparigas tenham que ter as mesmas coisas que os rapazes, que tem que ter os mesmos direitos que os rapazes.

Professora-investigadora: E tu achas que isso acontece hoje em dia?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Ou porque as raparigas são piores que os rapazes ou porque os rapazes se acham melhores que as raparigas.

Professora-investigadora: Pensas que antigamente também era assim?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque antigamente as raparigas em alguns países não podiam mostrar a cara, só podiam mostrar os olhos, só podiam sair com a autorização dos homens.

Professora-investigadora: Achas que agora está melhor ou pior?

Aluno: Está melhor.

Professora-investigadora: Mas sabes que em alguns países isso ainda acontece?

Aluno: Sei.

Professora-investigadora: Já assististe alguma situação onde tenhas percebido que o homem ou a mulher ficaram a ganhar por serem desse género?

Aluno: Nos empregos, os homens ganham mais por serem homens.

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisa por ser menino?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: E achas que há coisas que as meninas não podem fazer por serem meninas?

Aluno: Não, porque elas têm o mesmo direito.

Professora-investigadora: O quê que o teu pai faz em casa?

Aluno: Às vezes limpa a casa, faz o comer.

Professora-investigadora: E a tua mãe?

Aluno: Limpa a casa, faz a comida, faz as camas, acorda-nos todos os dias.

Professora-investigadora: E o teu pai não vos acorda?

Aluno: Não, o meu pai tem que sair demasiado cedo.

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque têm todos os mesmos direitos, terem os mesmos trabalhos e de receber o mesmo.

Professora-investigadora: Que sugestões davas para que todos tenham os mesmos direitos?

Aluno: As mulheres receberem o mesmo que os homens.

Professora-investigadora: Porque é que achas que as mulheres não recebem o mesmo que os homens?

Aluno: Não sei.

Professora-investigadora: Mas achas correto?

Aluno: Não entendo porque que é que acontece.

Professora-investigadora: Achas possível um mundo onde todos tenham os mesmos direitos?

Aluno: Futuramente talvez.

Professora-investigadora: Obrigada

Apesar de estarmos presentes numa entrevista onde se sente que estamos perante um aluno consciente daquilo que é e que deve ser a igualdade de género, este foi o aluno que mais controvérsia e repulsa gerou na altura da colocação dos bonecos na porta, dizendo que o cor-de-rosa era cor de menina e na atividade dos brinquedos quando tinha os brinquedos de menina se limitou a pegar num puzzle e a tentar construí-lo. Quando esse puzzle foi retirado, (por sugestão da professora cooperante), ele não pegou em mais nenhum brinquedo, limitando-se a olhar juntamente com o colega. O que demonstra aqui algum trabalho até chegar à entrevista, visto que a teoria vai em desencontro áquilo que foi a sua prática.

Professora-investigadora: O que entendes por igualdade de género?

Aluna: Termos as mesmas coisas. Eu não me importo de brincar com brinquedos de menina nem de menino, porque eu tenho dois irmãos e eu brinco com os brinquedos do meu irmão e ele brinca com os meus.

Professora-investigadora: Muito bem. Hoje em dia, achas que temos todos os mesmos direitos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque os homens quando chegam a casa não fazem nada, as mulheres é que fazem tudo em casa.

Professora-investigadora: Porque é que achas que isso acontece?

Aluna: Quando o meu pai estava com a minha mãe era assim.

Professora-investigadora: Achas que sempre foi assim ao longo dos anos?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque, antigamente, não era como agora.

Professora-investigadora: Já assististe alguma situação onde a mulher ou o homem tenha sido beneficiado por ser homem ou mulher?

Aluna: Já.

Professora-investigadora: Quais?

Aluna: O meu padrasto conseguiu ir mais rápido do que a minha mãe trabalhar para a empresa.

Professora-investigadora: E porque achas que isso acontece?

Aluna: Porque o chefe é amigo do meu padrasto.

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisa porque és menina?

Aluna: Já.

Professora-investigadora: O quê?

Aluna: O meu irmão estava a brincar com o colega dele e atiraram a bola para o terraço e eu estava a tentar ajudar e eles não deixaram por ser rapariga.

Professora-investigadora: E achas que há coisas que os meninos não podem fazer que as meninas podem?

Aluna: Não, eu não acho nada. O que as mulheres podem fazer os homens também podem e o que as raparigas podem fazer os rapazes também podem.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Sabes o que é?

Aluna: Não

Professora-investigadora: Violência dentro de casa.

Aluna: Já tive tios que se separaram

Professora-investigadora: Por violência doméstica?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: E era o homem que batia na mulher ou a mulher no homem?

Aluna: Era homem que batia na mulher, porque a minha tia fazia tudo e ralhava com ele por estar sempre no sofá.

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens, mulheres ou ambos?

Aluna: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: Porque a mim não me faz diferença contratar homens ou mulheres.

Professora-investigadora: Não achas que há coisas que os homens conseguem fazer que as mulheres não conseguem ou vice-versa?

Aluna: Não, porque os homens conseguem fazer tudo e as mulheres também conseguem, não há nada que a mulher possa não fazer que o homem faça.

Professora-investigadora: Que sugestões davas para que todos tenham os mesmos direitos?

Aluna: Há empresas que têm poucas mulheres.

Professora-investigadora: E o que sugeres para que isso não aconteça?

Aluna: Que contratem todos, todo mundo precisa de emprego para ter dinheiro para cuidar dos filhos

Professora-investigadora: Achas que é possível um mundo assim?

Aluna: Sim, é só eles quererem.

Professora-investigadora: Obrigada.

Esta foi uma daquelas entrevistas que gostaríamos que fosse um espelho da nossa sociedade, porém é uma entrevista que nos surpreendeu bastante, conhecendo a aluna como conhecemos. Visto ser uma aluna com algumas necessidades especiais.

Contudo, aqui se entende o quão é importante a nossa “bagagem pessoal” e aquilo que vamos evidenciando ao longo da nossa vida, demonstrando que nunca somos uma única coisa, mas o resumo de acontecimentos que vão moldando e acrescentando a nossa personalidade e maneira de estar na vida. Esta entrevista é uma das mais importantes neste estudo visto que demonstra que aquilo que vivemos até então vinca, afincadamente, as atitudes que tomámos.

Entrevista 18

Professora-investigadora: O que entendes por igualdade de género?

Aluno: Homens e mulheres com os mesmos direitos.

Professora-investigadora: Na tua opinião, achas que hoje em dias todos tem os mesmos direitos?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque os homens recebem mais que as mulheres.

Professora-investigadora: Achas que foi sempre assim ao longo dos anos?

Aluno: Não sei

Professora-investigadora: Já assististe a alguma situação onde o homem ganhou mais por ser homem ou a mulher por ser mulher?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Já sentiste que não podias fazer algo por ser menino?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: O que o teu pai faz em casa?

Aluno: O meu pai não está em casa.

Professora-investigadora: Então?

Aluno: Está noutro país.

Professora-investigadora: Mas quando vem faz alguma coisa em casa?

Aluno: Pergunta se é preciso levar alguma coisa lá para cima porque tenha casa de dois andares.

Professora-investigadora: E a tua mãe?

Aluno: Arruma a casa e a cozinha.

Professora-investigadora: Se fosses dono de uma empresa, contratarias homens, mulheres ou ambos?

Aluno: Ambos.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Porque o trabalho é para os dois.

Professora-investigadora: Pagavas o mesmo aos dois?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Que sugestões davas para que não acontecesse estas desigualdades?

Aluno: (Não responde)

Professora-investigadora: Tu ajudas em casa nas tarefas domésticas?

Aluno: Ajudo se a minha mãe pedir.

Professora-investigadora: Achas possível um mundo onde todos tem os mesmos direitos?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Obrigada.

O aluno em questão é um aluno com necessidades especiais, o que não permitiu uma maior envolvência durante a entrevista. Contudo, é perceptível que sabe o que é a igualdade de género e que no seu dia-a-dia não tem grandes exemplos disso mesmo porque o pai trabalha fora do país. Na atividade dos brinquedos foi um dos alunos que ficou no seu canto não brincando praticamente com nada a não ser com os brinquedos que trouxe.

Entrevista 19

Professora-investigadora: O que é para ti igualdade de género?

Aluna: Que o masculino e o feminino são iguais.

Professora-investigadora: Achas que todos tem os mesmos direitos?

Aluna: Sim.

Professora-investigadora: Achas que sempre foi assim? Antigamente?

Aluna: Não, antigamente as mulheres não podiam sair de casa sem a autorização dos homens.

Professora-investigadora: Já assististe a uma situação onde sentiste que o homem ganhou por ser homem, ou a mulher por ser mulher?

Aluna: Não.

Professora-investigadora: Já sentiste que não pudeste fazer alguma coisa por ser menina?

Aluna: sim, jogar à bola.

Professora-investigadora: Já te disseram que não podias jogar à bola por ser menina?

Aluna: sim.

Professora-investigadora: O que é que o pai faz em casa?

Aluna: Nada.

Professora-investigadora: E a mãe?

Aluna: tudo

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluna: sim

Professora-investigadora: e o que é que pensas sobre o assunto?

Aluna: que muitas mulheres e crianças são maltratadas pelas outras pessoas.

Professora-investigadora: Porque achas que isso acontece?

Aluna: Não sei...

Professora-investigadora: Porque achas que existe violência? Quem pratica essa violência?

Aluna: os homens

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluna: os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: porque hoje em dia podemos contratar os dois.

Professora-investigadora: Que sugestões dadas para que tenhamos todos os mesmos direitos?

Aluna: podemos jogar todos à bola, brincar todos juntos e sermos todos amigos.

Professora-investigadora: Achas possível um mundo assim?

Aluna: não.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluna: porque há pessoas que não gostam de outras pessoas.

Professora-investigadora: obrigada.

Antes de tudo, começo por chamar à atenção da resposta quando a professora-investigadora pergunta se atualmente temos todos os mesmos direitos, a aluna responde que sim, quando a professora-investigadora a questiona sobre o que o pai faz em casa ela responde “nada”, quando faz a mesma questão em relação à mãe ela responde “tudo”. Ou seja, para a aluna é tão natural o pai não fazer nada e a mãe fazer tudo em casa, que nem questiona de que essa atitude é uma falência enorme na igualdade de género que ela definiu como “o masculino e o feminino serem iguais”. O que nos leva a pensar nas questões que esta aluna terá num futuro em que ela será a “mãe” de sua casa. Demonstrando mais uma vez, que a educação que vem de casa é a que mais reina quanto à transmissão de valores assim como indica o trabalho da escola quando a aluna consegue afirmar que antigamente as mulheres não podiam sair de casa sem autorização dos maridos e hoje isso já não acontece.

Professora-investigadora: O que é para ti igualdade de género?

Aluno: É, por exemplo, uma rapariga pode gostar de vermelho e de azul. Ou seja, uma rapariga pode gostar do mesmo que os rapazes e o contrário também.

Professora-investigadora: Achas que hoje em dia temos todos os mesmos direito?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Achas que foi sempre assim?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Então?

Aluno: Há países onde as raparigas nem sequer podem mostrar a cara.

Professora-investigadora: E achas que já não existem países com essas regras?

Aluno: Ainda existem. Mas aqui em Portugal temos os mesmos direitos.

Professora-investigadora: Já assististes a uma situação onde achas que o homem ficou a ganhar por ser homem ou o contrário?

Aluno: não.

Professora-investigadora: Já sentiste que não pudeste fazer alguma coisa por ser menino?

Aluno: Não

Professora-investigadora: O que é que o teu pai faz em casa?

Aluno: às vezes lava a loiça, limpa o chão, arruma a casa.

Professora-investigadora: e a mãe?

Aluno: arruma a casa também, também tem mais tempo. O meu pai trabalha todos os dias.

Professora-investigadora: Se tivesses de dizer quem trabalha mais lá em casa quem dizias?

Aluno: A mãe.

Professora-investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: O que achas sobre isso?

Aluno: É, por exemplo, o pai fazer mal à filha.

Professora-investigadora: Achas que acontece mais do homem para a mulher ou o contrário?

Aluno: Do homem para a mulher.

Professora-investigadora: : Porque achas que é assim?

Aluno: (silêncio) eu em casa também... nada, nada.

A Professora-investigadora não tentou aprofundar esta resposta porque sabia de antemão que a família da criança estava a passar por um processo de divórcio.

Aluno: Porque é que eu acho que é assim? Porque o homem pensa que tem mais força que as mulheres e que são melhores.

Professora-investigadora: Se tivesses uma empresa contratarias homens, mulheres ou os dois?

Aluno: Os dois.

Professora-investigadora: Porquê?

Aluno: Ambos são muito bons em tudo, fazem as mesmas coisas

Professora-investigadora: Pagarias o mesmo aos dois pelo mesmo trabalho?

Aluno: Sim, pagaria.

Professora-investigadora: Que sugestões dava para que termos todos os mesmos direitos?

Aluno: Proibia dizer que a cor azul era para os rapazes e o rosa para as meninas.

Professora-investigadora: Há brinquedos para meninos e brinquedos para meninas?

Aluno: Não.

Professora-investigadora: Então porque é que na atividade não brincaste com os brinquedos que identificaram de menina?

Aluno: Porque não me apeteceu. (sorrisos)

Professora-investigadora: Achas que é possível termos os mesmos direitos?

Aluno: Sim.

Professora-investigadora: Obrigada.

Este aluno estava a passar, durante a prática de ensino supervisionada da professora-investigadora, por um processo de divórcio dos pais complicado, o que acaba por ser refletir nas respostas que deu quando foi questionado sobre os progenitores. Em contrapartida, evidencia-se aqui mais um aluno que sabe a teoria toda, mas que na prática continua a não brincar com brinquedos que categoriza como menina. Sendo que foi um dos que mais se entusiasmou quando fizemos essa distinção.

Conclusões globais das entrevistas

Percebe-se muitas vezes a inexperiência da professora-investigadora de estar nesta posição, sendo que estas entrevistas foram realizadas a meio da prática, se tivessem sido realizadas no final, acreditámos que o resultado teria sido diferente e haveria muitas mais questões que teriam sido levantadas. Contudo, é perceptível que às vezes e em certas perguntas percebe-se no silêncio que paira e nas pausas que fazem de que a resposta que dão é a que consideram “politicamente correta”, assim entende-se nas entrelinhas de que não foi dito aquilo que queriam dizer, contrastando com as atitudes que foram tomando ao longo das atividades.

Reflexo da inexperiência da professora-investigadora sobre a execução de entrevistas nota-se que algumas respostas ficaram quase que inacabadas, também por incapacidade da mesma de prosseguir um assunto que surge ou que é respondido em silêncio pelas crianças, silêncio esse que a professora-investigadora tentou muitas vezes ir além do que foi dito ou do que ficou por dizer, mas nem sempre conseguiu.

Todavia, no geral são entrevistas das quais podemos retirar algumas conceções daquilo que as crianças pensam e fazer o contraste com aquilo que as crianças fizeram ao longo das atividades desenvolvidas. A turma, apesar de saber o que era igualdade de género e que há atitudes erradas que são tomadas continuam a agir em conformidade com o exemplo que tem em casa. Foi geral dizerem que os pais trabalhavam os dois em casa, mas quando questionados sobre quem trabalhava mais respondiam a mãe, salvo raras exceções. A única questão que foi unânime foi a de que contratariam ambos para a empresa que possuíam, o que já demonstra alguns conceitos adquiridos.

Quadro 8. Síntese de Análise das entrevistas.

Contradições	Ideias próprias	Respostas “politicamente corretas”	Silêncios que tudo dizem
<p>Entrevista 1: Professora- investigadora: Então porque dizes que a bola é brinquedo de menino se brincas com ela? Não és menino, pois não?</p> <p>Aluna: Não.</p> <p>Professora- investigadora: Porque achas que existe brinquedos que chamam de menino e outros de menina?</p> <p>Aluna: Porque às vezes as meninas gostam de jogar a algumas coisas de menino.</p>	<p>Entrevista 3. Professora- investigadora: Há coisas que só as mulheres conseguem fazer? E outras que só os Homens?</p> <p>Aluno: Não, o meu pai escava um buraco e a minha mãe <u>também pode.</u></p>	<p>Entrevista 3:</p> <p>Professora- investigadora: Então, tu achas que os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?</p> <p>Aluna: Não.</p> <p>Professora- investigadora: Porquê?</p> <p>Aluna: porque os meninos às vezes têm mais diferenças que as meninas. Às vezes as meninas perguntam às mães “podemos jogar futebol e às vezes as mães não deixam às vezes”.</p> <p>Professora- investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?</p> <p>Aluna: Sim.</p> <p>Professora- investigadora: Quais são os brinquedos de menina?</p> <p>Aluna: (hesitação) são dos dois. Porque toda gente brinca com tudo.</p> <p>Professora- investigadora: Então, na tua opinião, não existem brinquedos de menina e brinquedos de menino?</p> <p>Aluna: Não.</p>	<p>Entrevista 1: Professora- investigadora: Quando vais a um supermercado e tens uma zona de brinquedos, como é que tu dizes que este é de menino e outro é de menina?</p> <p>Aluna: São diferentes.</p> <p>Professora- investigadora: Em que são diferentes?</p> <p>Aluna: (silêncio e suspiros) (acaba por não responder)</p> <p>Professora- investigadora: O que é que o teu pai faz em casa de tarefas domésticas?</p> <p>Aluna: (silêncio)</p> <p>Professora- investigadora: Achas que há razões para um homem bater numa mulher ou o contrário?</p> <p>Aluna: sim</p> <p>Professora- investigadora: quais?</p> <p>Aluna: (grande silêncio) (depois de algum esforço para obter uma resposta): Porque às vezes os homens gostam de umas coisas e as mulheres não.</p>

Quadro 8 (continuação) Síntese de Análise das entrevistas.

Contradições	Ideias próprias	Respostas “politicamente corretas”	Silêncios que tudo dizem
<p>Entrevista 7: Professora- investigadora: Achas que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina?</p> <p>Aluno: Não (risos). (...)</p> <p>Professora- investigadora: Afinal... achas que há brinquedos de menino e brinquedos de menina?</p> <p>Aluno: Sim.</p>	<p>Entrevista 7: Professora- investigadora: E porque não brincarias com uma boneca? Aluno: Porque é um bocado de menina.</p>	<p>Entrevista 5: Professora- investigadora: Porque é que a bola, por exemplo, é um brinquedo de menino? Aluno: Pode ser para os dois. Professora- investigadora: Mas tu disseste que era de menino. Porquê? Aluno: (silêncio). (O aluno ficou a pensar, mas a professora não conseguiu fazer com que respondesse). Professora- investigadora: Quando vais ao supermercado... existe uma secção de menino e outra de menina. Como é que dizes que um é de menino e outra de menina? Aluno: Dá para os dois.</p>	<p>Entrevista 7: Professora- investigadora: Já ouviste falar em violência doméstica? Aluno: Violência doméstica?! Sim. Professora- investigadora: E o que é que tu pensas sobre isso? Aluno: (silêncio). Professora- investigadora: Porque achas que acontece? Aluno: (silêncio) por causa... (silêncio) dos homens que são maus.</p>
<p>Entrevista 8: Professora- investigadora: Achas que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina?</p> <p>Aluna: Sim (...)</p> <p>Professora- investigadora: E porque achas que esses são de menina e os outros de menino?</p> <p>Aluna: Porque são... porque nunca brinquei... eu no ATL brinco com carros, mas não gosto muito.</p>	<p>Entrevista 8: Professora- investigadora: Porquê? Aluna: Porque posso estragar e não quero estragar. Professora- investigadora: E as bonecas não podes estragar também? Aluna: Sim, mas não quero estragá-los mais. Aluna: Sim... quando estou a pegar em alguma coisa de menino, eles dizem que é de menino. Professora- investigadora: Quem é que diz? Aluna: Não sei, mas alguém pode dizer.</p>		<p>Entrevista 20: Professora- investigadora: Porque achas que é assim? Aluno: (silêncio) eu em casa também... nada, nada.</p>

Quadro 8. (continuação) Síntese de Análise das entrevistas

Contradições	Ideias próprias	Respostas “politicamente corretas”	Silêncios que tudo dizem
	<p>Entrevista 14: Professora- investigadora: Já sentiste que não podias fazer alguma coisa porque és menino? Aluno: Sim. Professora- investigadora: O quê? Aluno: A espargata.</p>		

O presente quadro procura sistematizar três das perceções mais recorrentes neste grupo de crianças, tendo em conta o juízo que apresentaram sobre o tema central deste relatório. Ficam claras, por isso, quatro tipos de posição mais recorrente: a contradição, a ideia própria, as respostas “politicamente corretas” e os silêncios que não precisam de ser verbalizados.

No final de contas, continua a persistir uma visão tradicionalista relativamente às funções de homem e mulher na sociedade e na família, nota-se que as crianças, pelo menos na sua maioria, sentem uma pressão social para afirmar que não existem brinquedos para os diferentes géneros e nas funções domésticas, contudo verifica-se na prática e nas respostas dadas a sua verdadeira posição.

Conclusões

Este foi um estudo revelador sobre um país em constante mudança. Não podemos afirmar que é um estudo que nos indica o estado da sociedade envolvente, mas podemos afirmar que é parte importante do mesmo. Será, realmente, que transmitimos ainda os valores corretos às nossas crianças ou deixámos que o nosso passado e a nossa História interfiram na saúde dos valores que passámos?

Um professor de hoje consegue mudar mentalidades trazidas já desde a primeira infância? Concluímos com este estudo que os pais são parte importante na construção da personalidade das crianças. As crianças aprendem com o exemplo, em todo o lado, resta-nos a nós, adultos transformadores dar, e mais importante ainda, ser o exemplo que deve ser seguido em comunhão com a educação que os pais transmitem em casa. Aproveitando que as crianças de hoje serão o adulto de amanhã e a igualdade de género tem de ser universal.

O professor tem o dever de construir e transmitir esta igualdade na sua turma e nas crianças que ensina, porque cada vez mais o professor deixou de ter a função de ensinar, apenas, matemática, estudo do meio e português. Isto leva-nos a falar de *Piaget quando descreveu as crianças como realistas morais visto que as suas noções de certo ou errado, bom ou mau se baseiam naquilo que observam ou é real para eles.* (Fosnot, 1996, p. 153).

No primeiro ciclo, as crianças ainda estão no estágio que Piaget denomina de pré-operatório e operatórios (entre os 5/6 até aos 9 anos), isto é, estão num estágio onde começam por levar tudo aquilo que lhes é dito numa forma literal, como o exemplo usado por Piaget para explicar este estágio é de que se nesta fase dissermos a uma criança para não bater em alguém ela vai de facto fazê-lo mas tal “ordem” não engloba um beliscar ou empurrar. Contudo, é também neste estágio que eles tentam entender o significado das coisas e dar-lhes valor.

Neste estudo, e agora referindo-me às questões de investigação foi evidente que as crianças já predominam atitudes que divergem da igualdade de género, demonstrando muitas vezes que para eles existem coisas que os meninos podem fazer

e as meninas não, e vice-versa. Nomeadamente, nas questões de brinquedos essa questão foi evidenciada várias vezes, quando distinguiram os brinquedos por género, categorizando os brinquedos que são característicos de brincar cuidando, alimentando, arrumando para as meninas e os brinquedos ligados concretamente aos desportos, tecnologia e ideológicos para os meninos. Contudo, demonstrando algumas atitudes que convergem para a igualdade de género quando assumiam a bola e outros como brinquedos para ambos.

Nas entrevistas, encontramos a resposta para a segunda questão de investigação: a origem destas perceções está, maioritariamente, na convivência e exemplo daquilo que lhes é transmitido desde a primeira infância, pelos pais e familiares próximos. Convenhamos que quando sabemos que um familiar foi pai ou mãe queremos logo saber o sexo para comprarmos alguma coisa cor de rosa ou azul caso seja menina ou menino, respetivamente. Assim como se houver uma festa de aniversário para a qual temos de comprar prenda dificilmente vão levar um camião ou um conjunto de ferramentas para uma menina ou uma boneca com carrinho de passeio para um menino. Todas estas informações são captadas pela criança e, mais tarde, reproduzidas, indo de encontro à teoria da reprodução de Bourdieu.

Contrastando a reação inicial onde as crianças se manifestaram indignadas com as cores que os meninos tinham na porta representativas da sua silhueta com a reação que a turma teve quando viu que as meninas tinham coroas cor-de-rosa e os meninos laços azuis, afirmando que estávamos a ir de confronto àquilo que foi dito ao longo das aulas demonstra que exercemos neles alguma modificação de pensamento mas que o caminho ainda só tinha sido meio percorrido porque nenhum se inquiriu do porquê de ser coroas para as menina e laços para os meninos.

Segundo (Monterroso, 2008) percebemos que para além de Bourdieu a também Kohlberg definiu que as crianças apresentavam estágios de crescimento que de certo modo definem o raciocínio lógico.

O que com isto queremos dizer é que encontrámos os nossos alunos (do primeiro ao quarto ano de escolaridade) nem estágio que Kohlberg define como Estádio 2: orientação pelo relativismo instrumental – Nível Convencional:

Neste nível, o sujeito actua de acordo com o que a família, o grupo ou o país consideram correcto e valorizável, sem tomar em consideração as consequências, mesmo no caso em que estas se apresentem óbvias e imediatas. A atitude não é apenas de conformidade com as expectativas pessoais e as indicadas pela ordem social, mas que é leal a estas e de forma activa se apoiam e se justificam na ordem social. (Monterroso, 2008).

Ou seja, quando este estudo foi iniciado as crianças tinham as percepções que a sociedade lhes inculcou até então. Demonstrando-as ao longo das atividades e de forma mais fulcral na atividade dos brinquedos. Quando as atividades foram desenvolvidas e o estudo finalizado, quando os alunos assumiram que a atitude da desigualdade de cores feita pelas professoras era errado e nos chamaram à atenção a criança passou para o estágio que é importante que o professor os consiga levar para ele, demonstrando assim que o seu trabalho teve influência nas atitudes dos seus alunos, denominado por Kohlberg como

Estádio 5: orientação pelo contrato social O sujeito tende a definir a acção correcta em função dos direitos dos indivíduos que examinou considerados aceitáveis pelo conjunto da sociedade. Há uma consciência clara do relativismo dos valores pessoais e das opiniões e considera-se positivo o conjunto de regras 33 procedimentais que permitem chegar ao consenso, na condição de respeitar o que é constitucional e democrático. (Monterroso, 2008).

Assim, concluímos que o nosso estudo alterou as manifestações reveladas pelas crianças no início do mesmo, transformando assim mesmo que, minimamente, as concepções que elas trazem de “casa”. Sendo, por isso, o papel do professor crucial para a transmissão de valores nos dias-de-hoje, podendo mudar a sociedade com as transformações capazes de mudar os seus alunos.

Em suma, se o professor de primeiro ciclo é um professor que recebe as crianças numa etapa que as faz querer entender o mundo e não só o descobrir: porque não fazer desse tempo um tempo proveitoso para contribuir para que o mundo seja um mundo mais tolerante onde a igualdade de género não seja só um mote bonito para uma discussão na Assembleia da República?

Finaliza assim um dos períodos mais complicados da minha vida, não só académica, mas também pessoal. Este é um dos passos mais importantes em toda a minha vida, não só porque é um culminar de uma vida académica e escolar como é um novo começo, uma nova etapa que se avizinha. É assustador.

Todavia, olhando para trás não tenho medo. Não tenho medo porque o passado mostra aquilo que sou capaz. Iniciei este mestrado quando iniciei também uma transformação física, de saúde também, que me debilitou em vários pontos cruciais do mesmo, que me exigiu, provavelmente, o triplo do trabalho que é exigido porque as condições nem sempre foram as melhores, mas não desisti. Nunca. A PES no jardim de infância foi uma aprendizagem do primeiro dia até ao último, conheci pessoas extraordinárias e contactei com profissionais que são o bom nome desta profissão que tão ansiosamente quero abraçar e já abracei, profissionais que nunca me deixaram baixar os braços, que me mostraram a beleza da profissão que há tantos anos exercem.

Um exemplo a seguir, que me mostrou como é fácil trabalhar com crianças tão pequenas desde que a tua premissa em tudo o que fazes, seja só uma - faz com amor.

Ali aprendi que as crianças são capazes de aprender tudo, mas com formas diferentes de aprender. Posso dizer que com elas aprendi mais do que aquilo que ensinei e não há nada de mais valioso que o sorriso que elas nos dão.

Na transição da PES em Jardim de Infância para a PES em primeiro ciclo, a vida volta a pregar-me uma rasteira e fui operada aos rins, obrigando-me a faltar uma semana. A receção dos alunos à minha chegada foi calorosa, a professora cooperante mais um exemplo a seguir. Onde se nota à distância que gosta do que faz, que só não faz mais pelos seus alunos porque não pode.

Profissional, dedicada, sempre com ideias novas e criativas para os alunos aprenderem, não se deixando melindrar pelo facto de ter dois níveis de ensino na mesma turma e onde consegui, sempre, arranjar um equilíbrio entre ambos os níveis para que as aulas funcionassem.

Aprendi e cresci mais neste último ano do que em toda a minha vida escolar. Porque a vida são as pessoas. Nunca me faltou apoio, nem compreensão em ambos os

contextos. Fui sempre muito bem recebida, ajudada e acarinhada. Foi um estágio onde me senti em casa.

Quanto ao trabalho desempenhado: se no jardim de infância as coisas foram mais fáceis, onde o imperativo era ensinar a brincar, no primeiro ciclo a exigência é outra. Principalmente, existindo dois níveis de ensino, o primeiro e o quarto ano. Senti bastantes dificuldades a transmitir alguns conceitos, quando eles exigiam um maior conhecimento.

Muitas vezes senti, e ainda sinto, que não estou preparada para pegar numa turma do primeiro ciclo e ensiná-los tudo aquilo que é necessário aprenderem. Contudo, as professoras que me acompanharam acalmaram-me o coração quando disseram que só a prática me dará esse traquejo e eu acredito. A experiência traz confiança.

Quanto ao tema da presente dissertação, é um tema que mexe comigo desde que penso na sociedade como um sítio onde posso ter alguma influência. Sempre lidei com situações onde eram evidentes as claras faltas de igualdade entre homens e mulheres, experiências pessoais. O que me despertou para o tema e houve um click quando os meus alunos tiveram uma reação tão controversa a uma simples representação gráfica de dois bonecos (menino e menina) nas cores que eles não estão habituados a lidar, o azul para a menina e o rosa para os meninos. Aliás, este tema começou a ser magicado quando, eu, como defensora pessoal da igualdade de género, me fez confusão um menino no jardim de infância escolher a cartolina rosa para fazer a sua coroa dos reis. Pensei, desde esse momento de que como futura professora tinha de repensar e atualizar as minhas conceções. E assim foi, foi um tema trabalhado ao longo da minha PES que resultou no estudo de caso aqui apresentado. Um estudo que me permitiu saber as conceções que as crianças tem sobre a igualdade de género e ter uma perceção de como é difícil trabalhar a cidadania quando o currículo escolar é tão intenso e de difícil manobra para conseguir dar tudo em tão pouco tempo, dominando o tempo dispensado que recai sempre sobre as áreas principais como a matemática, o português e o estudo do meio. Assim, considero que este foi um trabalho ainda mais importante visto que trabalhámos assuntos que não são tão possíveis de trabalhar nas aulas, conjugando a área da cidadania com as áreas como o português e o estudo do meio. Trabalho este que me permitiu uma proximidade com os alunos e um conhecimento mais aprofundado sobre as suas vidas para além da escola.

Existiram muitos percalços, onde questionei muitas vezes se era um caminho que podia seguir ou, se antes pelo contrário, era um tema demasiado atual e importante para o meu traquejo nestas situações.

Inexperiente, e sem noção daquilo que me esperava, entrei nesta aventura sem saber aquilo que tinha de enfrentar, sendo que sou a primeira licenciada na família e onde todo este mundo me era completamente desconhecido.

Existiram muitos momentos que me fizeram querer desistir e onde pus tudo em causa, porque o caminho não foi fácil nem sempre a subir, houve muitos altos e baixos, muitos momentos de aperto que só os excelentes profissionais que me acompanharam conseguiram tranquilizar e levar este mestrado a bom porto, tenho noção que sem o apoio incondicional que recebi por parte dos professores, mas também dos familiares e amigos, hoje não estaria aqui a escrever esta reflexão. A eles devo o meu maior obrigado.

Bibliografia

- Abrantes, P. (2011). Revisitando a teoria da reprodução: Debate teórico e aplicações ao caso português. *Análise Social*, 46(199), 261–281.
- Albarelo, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.-P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Beauvoir, S. de. (1970). *O Segundo Sexo: fatos e mitos* (4ª ed). São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (n.d.). A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Retrieved from www.lusosofia.net
- Cardona, M., Nogueira, C., Vieira, C., Piscalho, I., Uva, M., & Tavares, T.-C. (2011). *Guião de Educação: Género e Cidadania 1º Ciclo*. Retrieved from https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/guiao_educa_1ciclo.pdf
- Cardona, M., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T.-C. (2015). *Género e Cidadania Pré-Escolar*. Retrieved from https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/10/398_15_Guiao_Pre_escolar.pdf
- Costa, A. D. F. R. M. N. (2011). *Educação dos valores: A educação moral e religiosa católica entre a família e a escola* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Religiosas da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa). Retrieved from [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8278/1/Mestrado em Ciências Religiosas - Anabela Costa.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8278/1/Mestrado%20em%20Ci%C3%AAncias%20Religiosas%20-%20Anabela%20Costa.pdf)
- Decreto-Lei nº 47344 de 1966-11-25, Código Civil, Publ. no Diário da República I Série, n. . 274/1966. (1966). Código Civil Português. Retrieved from <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/106487514/201703171158/73408213/diploma/indice>
- Fosnot, C. T. (1996). *Construtivismo e Educação: Teoria, Perspectivas e Prática*. Lisboa: Instituto de Piaget.
- Le Monde selon les femmes. (n.d.). *Essencial sobre o género: conceitos básicos*. Retrieved from http://www.graal.org.pt/f_documents/files/OessencialCN.pdf
- Leandro, M. E. (2006). Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, 41(1), 51–74. Retrieved from <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12875/1/leandro.pdf>
- Lima, F. (2016). *Desafio de educar para valores no séc . XXI* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências). Retrieved from <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20258/1/Tese.pdf>
- Melo-Dias, C., & Silva, C. (2019). Bandura social learning theory on conversational skills training. *Psicologia, Saúde & Doença*, 20(1), 101–111. <https://doi.org/10.15309/19psd200108>
- Ministério da Educação Direção-Geral da Educação. Educação para a Cidadania - Linhas Orientadoras. (2013). Direção-Geral da Educação. Retrieved from <http://dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>

- Monterroso, C. (2008). *O Professor e o Estudo dos Valores Culturais em Portugal: Uma Análise de Caso dos Manuais e Orientações de Formação Cívica no 2º Ciclo do Ensino Básico* (Dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Pimentel, M. (2010). *Família e Escola na Re / Conquista dos Valores* (Dissertação de Mestrado). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Quinn, S. (2013). *Orçamentos sensíveis ao género: Manual Sobre a Implementação Prática de uma Perspetiva de Género no Processo Orçamental*. Retrieved from https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/Manual_CoE-PT_CIG_net.pdf
- Segalen, M. (2013). *Sociología de la familia* (7ª ed. rev). Retrieved from [http://pdfhumanidades.com/sites/default/files/apuntes/SEGALEN caps 2_9 y 11.pdf](http://pdfhumanidades.com/sites/default/files/apuntes/SEGALEN_caps_2_9_y_11.pdf)
- Tavares, J. A. A. (2019). *A Igualdade de Género na promoção de um mundo mais justo: o contributo da História e Geografia de Portugal na Cidadania Global*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo). Retrieved from http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/2193/1/Jessica_Tavares.pdf
- Torres, A. (2013). Estudo de avaliação do IV Plano Nacional para a Igualdade- Género, cidadania e não discriminação (2011-2013): Relatório final. Retrieved from <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/03/IV-Plano-Nacional-para-a-Igualdade-Género-Cidadania-e-não-Discriminação-2011-2013-Relatório-de-avalia-ção.pdf>

Anexos

Anexo 1: Planificação da atividade dos brinquedos e Atividade de categorização dos brinquedos por género.

Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/espacos físicos	Avaliação
<p>Estudo do meio</p> <p>Português: Leitura e Escrita</p> <p>Estudo do Meio</p>	<p>Manifestar atitudes de respeito, de solidariedade, de cooperação, de responsabilidade, na relação com os que lhe são próximos</p> <p>Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos.</p> <p>Cooperar com os outros de forma interessada, ativa e responsável</p> <p>Equacionar de forma aberta comportamentos, atitudes e valores, tendo consciência da importância das relações humanas e das regras de conduta social;</p>	<p><u>(foi pedido aos alunos que segunda-feira de tarde trouxessem dois dos seus brinquedos favoritos para a escola)</u></p> <p>A PE inicia a tarde juntando todos os brinquedos no meio da sala e reúne as crianças no chão com os brinquedos no meio e diz-lhes que podem brincar à vontade com todos (é pedido quando entregam os brinquedos permissão para os amigos brincarem com eles).</p> <p>Posteriormente, a PE pega nos brinquedos de meninos e tira tudo para outro local e indica que podem continuar a brincar. Depois troca-se os “brinquedos das meninas” pelos “brinquedos dos meninos.” E deixa-se os alunos brincarem, escolherem o brinquedo que querem (caso queiram). A PE toma nota do que</p>	<p>Cadernos de casa.</p> <p>Brinquedos</p> <p>Manta</p> <p>Câmara de filmar</p>	<p>O aluno:</p> <p>Compreende e respeita a atitude e escolha do brinquedo do colega.</p> <p>Espera pela sua vez para falar e levanta o dedo para falar.</p> <p>Brinca com todos os brinquedos, não excluindo se é brinquedo de menina ou de menino, como é socialmente aceite.</p> <p>Brinca com os brinquedos que são considerados</p>

<p>Estudo do Meio</p> <p>Português</p>	<p>Adquirir hábitos de participação democrática ao nível do debate de ideias;</p> <p>Usar frases complexas para exprimir sequências e relações de consequência e finalidade. (4º Ano)</p>	<p>De seguida, a PE divide o quadro em duas colunas, de um lado escreve “Homem” e do outro “Mulher”, pedindo aos alunos que digam palavras que sejam características de cada género (na opinião de cada um). No final, pede que passem a tabela para o quadro.</p>	<p>Brinquedos favoritos dos alunos</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<p>pela sociedade do sexo oposto.</p> <p>Usa a palavra para exprimir as suas conclusões sobre a atividade realizada.</p> <p>Categoriza os brinquedos por género.</p>
--	---	--	---	--

Anexo 2: Atividade das Histórias tradicionais e situações de desigualdade de género.

Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/e spaços físicos	Avaliação
<p>Português: Oralidade</p> <p>Estudo do meio: Bloco 1- À descoberta de si mesmo</p>	<p>Assumir atitudes e valores que promovam uma participação cívica de forma responsável, solidária e crítica;</p> <p>Saber escutar para interagir com adequação ao contexto e a diversas finalidades (nomeadamente, reproduzir pequenas mensagens, cumprir instruções, responder a questões.)</p> <p>Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo de palavra dos outros.</p> <p>Planear, produzir e avaliar discursos orais breves, com vocabulário variado e frases complexas, individualmente ou em grupo.</p>	<p>A PE reúne a turma em grupos e distribui por eles diferentes contos tradicionais: Cinderela, Bela Adormecida, Branca de neve e sete anões, entre outras, onde o Homem apareça como o herói e a mulher a que precisa de ser salva, assim como diferentes excertos de textos (anexo 3) onde apareça a mulher como prejudicada em relação ao homem e outras onde isso não acontece. E diz-lhes que terão de escrever no caderno as situações onde consideram haver discriminação de géneros e outras onde isso não acontece e justifiquem as suas respostas.</p> <p>No final, apresentam as conclusões aos outros grupos.</p>	<p>Histórias tradicionais</p> <p>Excertos de situações de desigualdade</p>	<p>Identifica a premissa presente nas histórias tradicionais onde o homem aparece como herói e a mulher como vítima.</p> <p>Separa as situações de igualdade e de desigualdade.</p> <p>Responde às questões colocadas.</p>

Anexo 3: Atividade da leitura e interpretação do livro “Um casal qualquer” e atividade da prenda que dariam aos pais.

Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/espacos físicos	Avaliação
Português: Educação Literária	Comunicar adequadamente as suas ideias, através da utilização de diferentes linguagens (oral, escrita, iconográfica, gráfica, matemática, cartográfica, etc.), fundamentando-as e argumentando face às ideias dos outros.	A PE reúne a turma em grande grupo e mostra o livro que a professora Ana realizou em anos anteriores. (Anexo 2) questionando-os sobre a história: Que personagens estão presentes na história? Quem é que fazia as tarefas doméstica? Que acontece à personagem principal? Se fossem vocês deixariam a menina jogar futebol? A PE pede que os alunos indiquem situações onde tenham sentido que um ou outro género tenha sido facilitado por ser menino ou menina e fazem uma breve discussão sobre o assunto	Livro da professora cooperante	Respeita os colegas de grupo, aceitando contributos e discutindo opções
Estudo do Meio : Bloco 1- À descoberta de si mesmo	Assumir atitudes e valores que promovam uma participação cívica de forma responsável, solidária e crítica; Saber escutar para interagir com adequação ao contexto e a diversas finalidades	Posteriormente, a PE constrói uma tabela no quadro e questiona os alunos sobre que prendas dariam ao pai e prendas que dariam à mãe. Comparando no final a tabela e tirando em conjunto com as conclusões sobre a mesma.	Quadro Giz	Indica e enumera, na sua opinião, o presente que daria ao pai e à mãe. Responde às questões quando é solicitado ou voluntaria-se para responder cumprindo as regras da oralidade
Português: Oralidade				

Anexo 4. Guião da entrevista semiestruturada do 4º Ano

- O que é que entendes por igualdade de género?
- Na tua opinião, achas que todos temos os mesmos direitos, hoje em dia?
Porquê?
- Pensas que foi sempre assim ao longo dos anos? Está melhor ou pior agora?
- Já assististe a uma situação onde tenhas percebido que o homem ou mulher foi beneficiado?
- Já sentiste que não podias fazer alguma coisa porque és menina ou menino? Se sim, o quê?
- O que é que o teu pai faz em casa? E a tua mãe?
- Já ouviste falar de violência doméstica? O que pensas sobre o assunto?
- Se tivesses uma empresa contratarias homens e mulheres? Porquê?
- Que sugestões davas para que todos tenhamos os mesmos direitos?
- Achas que é possível um mundo assim?

Anexo 5. Entrevista semiestruturada para o 1º Ano.

- Achas que, hoje em dia, os meninos e as meninas têm os mesmos direitos?
- Existem, na tua opinião, brinquedos de menina e brinquedos de menino?
- Quais são os brinquedos de menina?
- E de menino?
- Porque achas que existe brinquedos que chamam de menino e outros de menina?
- Quando vais a um supermercado, e tens uma zona de brinquedos, como é que tu dizes que este é de menino e outro é de menina?
- Se tivesses uma empresa contratarias homens mulheres ou os dois? Pagarias o mesmo aos dois?
- Já alguma vez alguém te disse “não faças isso que isso é de menino?”
- O que é que o teu pai faz em casa de tarefas domésticas? E a tua mãe?
- Sabes o que é a violência doméstica? Achas que acontece mais de homens para mulheres ou o contrário? Porquê?
- Achas que num futuro próximo os homens terão mais, menos ou os mesmos direitos sobre as mulheres?
- E o que achas que é preciso fazer para isso acontecer?

Anexo 6. Autorização de imagem que foi assinada pelos pais.



Autorização

Estimados Encarregados de Educação,
no âmbito da realização do Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Peço a sua autorização para recolher evidências (fotografias e vídeos) do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, com a participação do seu educando, para melhor documentar e fundamentar o presente estudo e projeto de investigação.

Responsabilizando-me pela utilização das evidências apenas para trabalho académico.

Autorizo/Não autorizo (riscar o que não interessa) a recolha de evidências do trabalho desenvolvido pelo meu educando _____
(nome do aluno).

Assinatura do Encarregado de Educação

Em meu nome pessoal e do IPVC, a nossa Gratidão e Saudações Académicas,

Soraia Daniela Fernandes Montes